RADIOATIVIDADE A RETOMADA DO PROJETO DE EXPLORAÇÃO DE URÂNIO NO INTERIOR DO CEARÁ COLOCA EM ESTADO DE ALERTA MORADORES E AMBIENTALISTAS

EUA NEM O VEXAME NO DEBATE, NEM AS PESQUISAS, NEM O APELO DOS ELEITORES CONVENCEM BIDEN A DESISTIR DA REELEIÇÃO. O DEMOCRATA VAI CONSEGUIR RECUPERAR-SE?

CartaCapital

cartacapital.com.br

basset editora



A VIDA NO "FLUXO"

UM RETRATO DAS PAIXÕES, FRUSTRAÇÕES, ENCONTROS E DESENCONTROS DE QUEM CIRCULA NA *CRACOLÂNDIA*









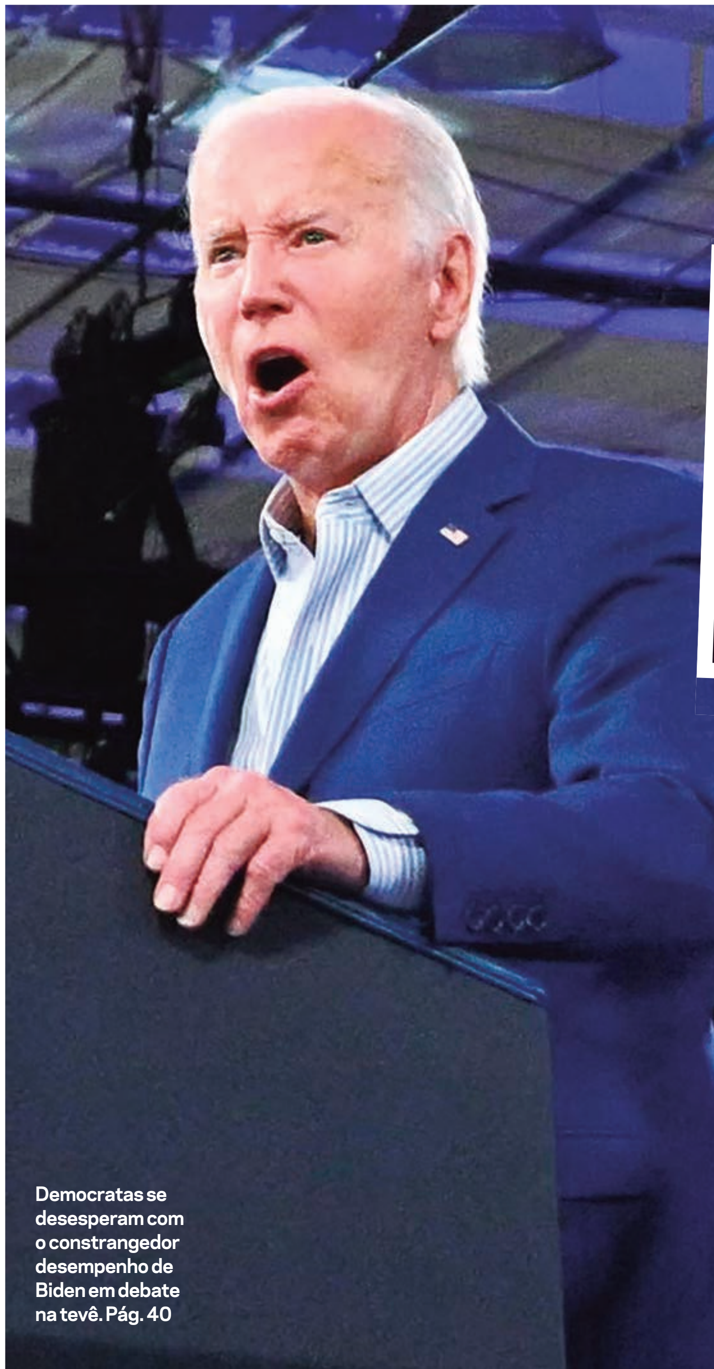


Pra acabar com a fome, o caminho é unir o Brasil.

- Mais de 20 milhões de brasileiros já saíram da situação de fome em apenas um ano.
- Grande mobilização nacional envolvendo ministérios do Governo Federal, estados, municípios, sociedade civil e mais de 80 programas e ações.

CartaCapital
10 DE JULHO DE 2024 • ANO XXIX • Nº 1318

Capa: Pilar Velloso. Foto: Luca Meola



Democratas se desesperam com o constrangedor desempenho de Biden em debate na tevê. Pág. 40



ACERVO MAPEARTE E MANDEL NGAN/AFP

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta

REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa e Carlos Drummond
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Aldo Fornazieri, Alysson Oliveira, André Costa Lucena, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Célia Xakriabá, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Rui Marin Daher, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde e Wendal Lima do Carmo
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ONLINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Allan Ravagnani, Getulio Xavier e Leonardo Miazzo
EDITOR-ASSISTENTE: Gabriel Andrade
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação) e Marina Verenicz
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
ESTAGIÁRIOS: Ana Luiza Sanfilippo e Sebastião Moura
REDES SOCIAIS: Caio César
SITE: **www.cartacapital.com.br**

basset
editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar.
CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
GERENTE DE NEGÓCIOS: Henrique Rogatto
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE MARKETING E PLANEJAMENTO: Italo Sasso
NOVOS PROJETOS: Demetrios Santos
ANALISTA DE ATENDIMENTO: Maria Clara M. Abdal
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos





CARTAS CAPITAIS



BOLSA IATE

As células cancerígenas, com sua avidez desenfreada, terminam por matar o próprio corpo que as alimenta. Os neoliberais, com seu apetite neoplásico em acumular riquezas, matam o planeta e a própria economia produtora de bens e serviços. Da reforma tributária poderia vir o tratamento para as distorções econômicas que perenizam as desigualdades e ameaçam o desenvolvimento sustentável e justo.
Williams Cantanhede

Custos, despesas e tributos são embutidos nos preços e quem paga tudo, de fato, são os consumidores de produtos e serviços. E as empresas maiores (regime tributário lucro real) ainda deduzem todos os dispêndios na apuração da base de cálculo de tributos.
Edivan Carvalho

AMÉM, IRMÃOS!

Karl Marx apontava o conflito de interesses dos proprietários, que não trabalham, e dos trabalhadores, que não têm direito à propriedade. O que os exploradores não querem admitir é a possibilidade de uma mudança de sistema. Os fiéis seguidores do deus mercado não admitem que o Banco Central trabalhe para o crescimento do País, a geração de empregos e a diminuição das desigualdades.
Paulo Sérgio Cordeiro

Infelizmente, não há como deter os especuladores com o presidente do nosso Banco Central aliado a eles. Aquilo que gera renda, mas não gera produto, prevalece sobre o interesse da nação. Para o deus mercado não existe bem-estar social nem crescimento do País. Juros nas alturas para não haver escassez de sacrifícios em seus altares.
Alexandre Gomes

ESQUERDA UNIDA

Como disseram os estudantes de Lyon, se posicionando contra a possibilidade de ascensão ao poder da extrema-direita: "Não passarão!" A voz libertária e democrática da França se fará ouvir no segundo turno, livrando o país e o mundo desse pesadelo.
Sylvio Belém

APOSTA ARRISCADA

Eduardo Paes é um oportunista. Ele tem projeto próprio, só está enrolando Lula porque precisa de verba para fazer seu palanque.
Viviane Maria

Eduardo Paes está se aproveitando do dinheiro do governo federal para fazer os investimentos no Rio de Janeiro e se promover nos eventos com Lula: entrega de chaves do Minha Casa, Minha Vida, inauguração de novos institutos federais, término das obras dos hospitais federais...
Fábio Lima

ERRATA:

Diferentemente do informado na entrevista "Risco Terceirizado", Larissa Bombardi não é pesquisadora do Institute de Recherche pour le Développement, e sim pesquisadora associada do Centre d'Etudes en Sciences Sociales sur les Mondes Africains, Américains et Asiatiques, da Université Paris Cité, que é ligada ao IRD. O trecho já foi corrigido na versão publicada no site *de CartaCapital.*

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: **http://Atendimento.CartaCapital.com.br**
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: **avulsas@cartacapital.com.br**

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**



APONTE SUA
CÂMERA PARA
O QR CODE E
SAIBA MAIS

Marco Temporal do Genocídio Indígena

A Comissão da Amazônia e dos Povos Originários e Tradicionais da Câmara aprovou, na terça-feira 2, um Projeto de Lei que fixa o ano de 1500 como o "Marco Temporal do Genocídio Indígena". A autora do texto, a deputada Célia Xakriabá, do PSOL, diz que a proposta busca vedar a imposição de qualquer restrição temporal para a demarcação das terras indígenas. Trata-se de uma resposta à tese ruralista aprovada pelo Congresso, a definir que os povos originários só teriam direito às terras ocupadas até a promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988.

Disclosure/ Fraude bilionária

A Polícia Federal fecha o cerco a antigos gestores das Lojas Americanas





Gutierrez e Saicali tiveram de entregar seus passaportes

Alvos de mandados de prisão expedidos pela Justiça Federal e incluídos na lista de foragidos da Interpol, Miguel Gutierrez, ex-CEO das Lojas Americanas, e Anna Christina Ramos Saicali, ex-diretora da empresa, já estão livres, ao menos por enquanto. Com cidadania espanhola, Gutierrez chegou a ser preso em Madri, mas foi liberado para responder ao processo em liberdade, mediante o compromisso de não deixar o país. Já Saicali entregou-se às autoridades portuguesas e aceitou um acordo para retornar ao Brasil. Ela entregou o passaporte à Polícia Federal ao desembarcar no Aeroporto Internacional de Guarulhos e teve a prisão preventiva revogada.

Os executivos são apontados como os principais responsáveis pelas fraudes na contabilidade da rede varejista, que ultrapassam a cifra de 25 bilhões de reais. Eles são acusados de inflar o resultado da companhia visando recebimento de bônus. Em *e-mails* interceptados, a PF identificou, por exemplo, uma planilha a indicar que uma das empresas do grupo sofreu prejuízo de 209 milhões de reais no primeiro trimestre de 2021. O resultado divulgado ao mercado foi, porém, de um lucro de 129,4 milhões.

"Enquanto a companhia ruía, a alta cúpula executiva empregava todos os esforços em uma fraude que os tornara milionários", aponta relatório subscrito pelo delegado André Gustavo Veras de Oliveira, da Delegacia de Combate à Corrupção e Crimes Financeiros, braço da PF no Rio de Janeiro. Pela Operação Disclosure, agentes da PF cumpriram 15 mandados de busca e apreensão. A Justiça também determinou o bloqueio de bens dos envolvidos no valor de cerca de 500 milhões de reais.

Em 11 de janeiro de 2023, novos gestores da Americanas revelaram a descoberta de "inconsistências em lançamentos contábeis" nos balanços da companhia de quase 20 bilhões de reais. Dias depois, em 19 de janeiro, a rede varejista pediu a recuperação judicial e teve suas ações retiradas da B3. O plano de recuperação, aceito pela Justiça do Rio de Janeiro no fim do ano passado, aponta um passivo de mais de 50 bilhões de reais, incluindo a fraude de 25,2 bilhões e uma dívida trabalhista de 82,9 milhões.

São Paulo/ Sem concorrência

Equatorial será única acionista de referência da Sabesp, com 15% das ações

O governo de São Paulo anunciou, na sexta-feira 28, que a Equatorial Energia foi a única finalista da oferta pública de ações da Sabesp. A empresa ofereceu 6,9 bilhões de reais por 15% de participação na companhia de saneamento. A despeito da falta de concorrência, o governador Tarcísio de Freitas, do Republicanos, disse estar "satisfeito" com o resultado do certame, que teria ocorrido "dentro do esperado".

O grupo Equatorial possui sete concessionárias de energia elétrica nos estados de Alagoas, Amapá, Goiás, Maranhão, Pará, Piauí e Rio Grande do Sul, mas não tem *expertise* na área de saneamento. Estreou no setor apenas em 2021, ao arrematar a concessão dos serviços de 16 cidades do Amapá.

Outros dois fatores chamam atenção. Primeiro, os recorrentes apagões em áreas cobertas pelo grupo. Em 2023, a Equatorial Goiás figurou na pior colocação do *ranking* de qualidade de atendimento da Agência Nacional de Energia Elétrica, a Aneel. E a CEEE Equatorial, do Rio Grande do Sul, foi a segunda pior. Além disso, a presidente do Conselho de Administração da Sabesp, Karla Bertocco, ocupava, até dezembro de 2023, um cargo no Conselho da Equatorial.

A operação deve ser concluída em 22 de julho. Após o fim do processo, a participação do governo paulista na Sabesp cairá dos atuais 50,3% para 18,3%. A Equatorial, investidora de referência, ficará com 15% e a participação negociada na Bolsa de Valores passará de 49,7% a 66,7%.



O governador paulista se diz "satisfeito" com o resultado do certame

Secura pantaneira

O Pantanal enfrenta desde 2019 o período mais seco das últimas quatro décadas e a tendência é de que 2024 tenha a pior crise hídrica já observada no bioma, revela pesquisa divulgada na quarta-feira 3. Os resultados apontam que, nos primeiros quatro meses do ano, quando deveria ocorrer o ápice das inundações, a média de área coberta por água foi menor do que a do período de seca do ano passado. O estudo foi encomendado pelo WWF-Brasil e realizado pela ArcPlan, com financiamento do WWF-Japão.

Roraima/ NA CORDA BAMBA

CASSADO TRÊS VEZES, DENARIUM AGORA ENFRENTA PEDIDO DE *IMPEACHMENT*

O presidente da Assembleia Legislativa de Roraima, Soldado Sampaio, do Republicanos, autorizou na terça-feira 2 a abertura de um processo de *impeachment* contra o governador Antonio Denarium, do PP. O pedido protocolado por dois parlamentares da oposição reedita acusações apresentadas em três processos que tramitam na Justiça Eleitoral. Denarium chegou a ser condenado três vezes à cassação do mandato e inelegibilidade, mas aguarda o julgamento de recursos no Tribunal Superior Eleitoral.

Sampaio fez campanha para Denarium em 2018 e renovou o apoio no ano passado, na disputa pela reeleição, mas rompeu com o governador em abril deste ano. Entre as principais acusações contra Denarium, figuram abuso de poder político e econômico no pleito de 2022, desvio de recursos públicos, nepotismo e superfaturamento de contratos públicos.



O governador acumula uma série de condenações na Justiça Eleitoral

CHRISTIANO ANTONUCCI/GOVMT, REDES SOCIAIS, VINI LOURES/AG. CÂMARA E SINTAEMA/SP

Aceno de Caracas

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciou na segunda-feira 1º a disposição de retomar o diálogo com os Estados Unidos. A primeira rodada de conversas estava marcada para a quarta-feira 3. "Vamos debater e buscar novos acordos para que tudo seja cumprido, o que foi assinado no Catar (em 2023). Quero diálogo, quero entendimento, quero futuro para nossas relações, quero mudanças, isso sim, sob a soberania absoluta e a independência", afirmou Maduro em pronunciamento na tevê. É uma tentativa de distensão antes das eleições presidenciais venezuelanas em 28 de julho.

França/ À beira do precipício

Macron continua a brincar com fogo



O que pensava esse senhor?

STEPHANE DE SAKUTIN/AFP

Emmanuel Macron arrisca-se a passar para a história como o Marechal Pétain do século XXI. O presidente francês e alguns colegas do Renascimento, legenda liberal, continuam a dançar à beira do abismo desde a precipitada convocação das eleições legislativas antecipadas na sequência da vitória da extrema-direita no sufrágio europeu. Após a previsível vitória do Reunião Nacional, de Marine Le Pen, no primeiro turno, com quase 34% dos votos, esperava-se do Renascimento, que acabou em terceiro (20,8%), uma postura clara, responsável e abnegada. Nada disso. Embora o atual primeiro-ministro, Gabriel Attal, tenha apelado, na noite do domingo 30, aos eleitores do partido por "nenhum voto no RN" na segunda volta, marcada para o domingo 7, correligionários adotaram o discurso "nem-nem": nada de votos na extrema-direita, nada de votos nos representantes da França Insubmissa, maior força da Nova Frente Popular, aliança de esquerda que obteve 28%, terminou em segundo lugar e é a única alternativa ao extremismo. O acordo de cavalheiros prevê a desistência dos candidatos pior colocados em prol daqueles com chances de derrotar as forças de Le Pen nas localidades onde mais de dois nomes passaram ao segundo turno. Até o fechamento desta edição, a esquerda havia cumprido o trato em cerca do dobro das circunscrições em relação aos liberais. A indecisão dos macronistas irritou diversos setores, a começar pela mídia. Os grupos de comunicação tradicionais clamam por uma aliança "republicana" contra o maior perigo em décadas. Multidões protestam nas ruas. O jornal *Le Monde*, em editorial, não poupou o mandatário e definiu a dissolução do Parlamento como "um dos atos mais irresponsáveis" de um presidente da República no exercício da função.

ALDO FORNAZIERI
Cientista político, professor da Escola de Sociologia e Política e autor, entre outros, de *Liderança e Poder* (Contracorrente)



A crise climática piora

▶ As metas do Acordo de Paris foram para o vinagre. As previsões quanto ao aquecimento global são catastróficas

Não é mais novidade o fato de o mundo estar mergulhado numa sucessão de catástrofes climáticas variadas e praticamente diárias. Tempestades e chuvas violentas, furacões devastadores, secas desertificantes, incêndios dantescos, elevação do nível dos mares, desaparecimento de espécies, poluição assustadora dos oceanos, desaparecimento de rios e nascentes e temperaturas insuportáveis são algumas das múltiplas tragédias que qualquer cidadão pode tomar conhecimento pelo noticiário. Para alguns cientistas, as mudanças climáticas já produzem milhões de mortes.

O que mais assusta e angustia é a omissão criminosa dos governos e a indiferença das sociedades. À exceção de cientistas e ONGs, a crise climática é tratada de forma secundária. O Dia Mundial do Meio Ambiente, em 5 de junho, passou quase em branco no Brasil. Nenhuma grande mobilização, ínfima ou nenhuma importância por parte da sociedade civil organizada e dos movimentos sociais.

Há poucas semanas, duas pesquisas assustadoras, praticamente ignoradas no País, uma da Universidade da Califórnia e outra do Centro Nacional Oceanográfico dos Estados Unidos, indicam que o Acordo de Paris foi para o vinagre. A principal meta previa que o aquecimento global se limitasse a 1,5 grau Celsius em relação à média do período pré-industrial até o fim do século XXI. Segundo os pesquisadores, esse limite foi ultrapassado recentemente e a subida da temperatura nos próximos anos caminha para o dobro: 3 graus. Para se atingir a meta do acordo seria necessário reduzir em 42% a emissão de gases de efeito estufa até 2030. Se a redução for de 28%, o aquecimento será de 2 graus. Segundo a ONU, em vez de queda, registra-se um aumento das emissões desde 2020.

Os cientistas não conseguem projetar exatamente o que acontecerá com um aquecimento global de 3 graus. Mas há uma certeza: o mundo será aterrorizante. De acordo com algumas projeções, vários ecossistemas dos quais dependem a humanidade e outras espécies vão desaparecer. Somente a elevação dos mares afetará 12% da humanidade. Ondas mortais de calor e chuvas diluvianas ocorrerão em todas as partes. A vida média dos indivíduos cairá drasticamente e novas epidemias surgirão. Com o desaparecimento massivo das florestas, a captura de carbono se tornará mais difícil e a temperatura poderá evoluir rapidamente para um aquecimento de 4 graus.

O governo Lula tem feito muito em termos de política ambiental, quando comparado à desastrosa e negacionista administração Bolsonaro. Marina Silva é e continuará a ser um ícone mundial das lutas ambientais. Lula e o governo gozam de credibilidade e liderança internacional em termos de comprometimento com o meio ambiente. Mas, talvez, o presidente não escape de um veredicto desabonador do tribunal dos tempos em relação ao efetivo comprometimento com a preservação do meio ambiente e o combate ao aquecimento global. O Brasil tem um compromisso fraco com a redução das emissões, pois as metas assumidas até 2030 são modestas. Os órgãos ambientais, entre eles o próprio ministério e o Ibama, continuam sucateados e desprestigiados. As cidades brasileiras não apresentam progresso satisfatório no cumprimento das 169 metas e dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

O governo não tem planos e estratégias para salvar os principais biomas, como o Pantanal, o Cerrado, o Pampa, a Amazônia e a Mata Atlântica. Não tem política nacional de combate aos incêndios, não existem planos logísticos, articulações com estados e setores produtivos do campo. Em que pesem várias ações, a Amazônia continua entregue ao crime organizado, ao garimpo ilegal e ao genocídio dos povos originários. No Pantanal, só houve interferência algumas semanas depois de o fogo produzir grandes devastações. A rigor, não há estratégia de prevenção e de regeneração das ações depredadoras dos biomas e do meio ambiente.

Todos os estudos e relatórios sérios são enfáticos em afirmar que a redução das emissões de gases de efeito estufa depende do estancamento da produção de combustíveis fósseis. O governo Lula não tem nenhuma meta de redução de produção de petróleo, carvão e gás. Pior, quer produzir na Foz do Amazonas, em um total descompromisso com a redução do aquecimento global.

Falta uma política e uma legislação para barrar a poluição dos oceanos. Parece nem sequer haver interesse em enfrentar esse gravíssimo problema. Inexiste um programa nacional de regeneração ambiental, como a recuperação de nascentes, de reflorestamento nativo etc. Até agora, o compromisso do governo Lula com o meio ambiente situa-se mais no campo das promessas. Por muito que tenha feito em relação a Bolsonaro, é pouco em relação às necessidades e urgências que a realidade da crise impõe. •

alfornazieri@gmail.com

BAPTISTÃO

QUILOMBO PAULISTA

AMIZADES, FAMÍLIA, AMOR, TRABALHO, DIVERSÃO E ARTE. A VIDA NA MAIOR CENA ABERTA DE USO DE DROGAS DO PAÍS VAI MUITO ALÉM DO "FLUXO"

por MARIANA SERAFINI (TEXTO) E LUCA MEOLA (FOTOS)

"Hoje em dia é assim, você vale o que tem, se não tiver nada, você não é ninguém", canta MC Docinho, em apresentação do Pagode na Lata, realizado a cada 15 dias na região da Cracolândia, em São Paulo. O Bar da Nice, na Rua General Osório, é o ponto de encontro dos bambas do pedaço, vários deles frequentadores da maior cena aberta de consumo de drogas do Brasil, a persistir na paisagem paulistana a despeito dos esforços da polícia para enxotá-los de uma rua a outra. A música é um momento lúdico, mas também uma ferramenta de redução de danos, acreditam os profissionais da saúde que organizam o evento. Na festa, eles ficam afastados do *crack*, ao menos por algumas horas.

A poucos metros da roda de samba está o fluxo, a multidão de maltrapilhos que se movem em busca de mais uma tragada no cachimbo, tantas vezes retratado pela mídia com distanciamento. De dentro, o cenário revela-se menos caótico do que aparenta. Há organização, hierarquia e disciplina, com uma série de regras atribuídas ao tráfico. A informação circula tão rápido quanto pedra, todos os olhos estão atentos.

Durante o dia, o fluxo é menos volumoso, muitos usuários saem para trabalhar. Os que ficam parecem mais arredios, seja porque estão desde a noite anterior sem dormir, fazendo consumo de drogas estimulantes, seja pelo temor das violentas abordagens policiais, intensificadas desde que Tarcísio de Freitas anunciou a intenção de transferir a sede do governo paulista para a região. Para quem está de fora do fluxo, pode parecer o contrário, mas o ambiente é mais descontraí-



Durante um mês, a equipe de *CartaCapital* fez várias imersões na Cracolândia, que persiste na paisagem de São Paulo a despeito da repressão



do à noite, quando o espaço vira uma mistura de festa *rave* com mercado de pulgas.

Há uma infinidade de produtos à venda, exibidos em tapetes e caixotes pelo chão. Roupas, calçados, produtos de higiene, eletrodomésticos quebrados... Tudo é moeda de troca. "Fogãozinho, alguém tem um fogãozinho pra vender?" Levou algum tempo até alguém esclarecer que fogãozinho é um cachimbo mais elaborado, com estrutura de cobre, que permite manter a pedra acessa sem a necessidade de acrescentar cinzas de cigarro. Até as cinzas, por sinal, estão à venda no varejão da Cracolândia.

No centro desse aglomerado estão os "pratos", barracas onde são vendidas as drogas: cocaína, *crack*, pasta-base e maconha, tudo em maiores porções, que dali se espalham fragmentadas por todo o território. Quem não tem 10 reais para uma pedra, pode comprar só a metade, por 5 reais. E se o orçamento for ainda mais baixo, pode-se comprar só o direito de uma tragada no cachimbo, por 1 real dentro do fluxo e 2 reais nos arredores. O Corote, bebida mais consumida pelos usuários, é vendido em tabacarias improvisadas, onde se pode comprar também piteiras, isqueiros e cachimbos.

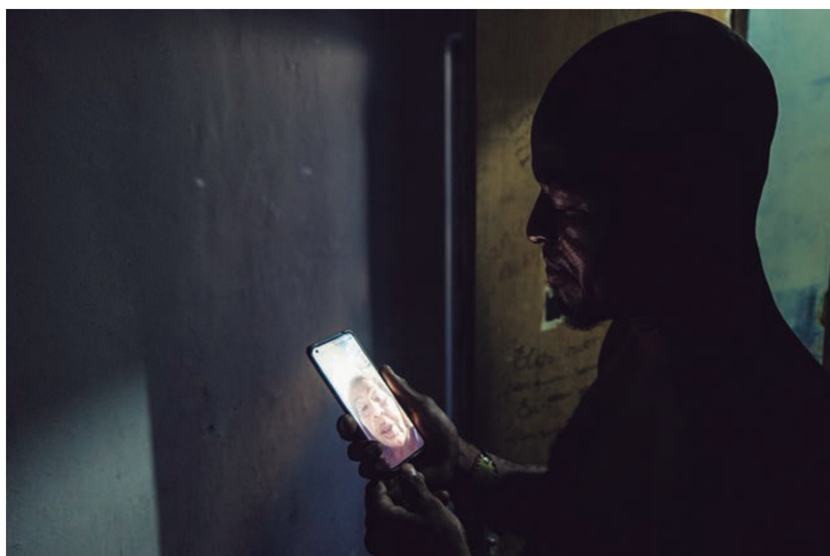
Frequentadores da Cracolândia, Cristiane da Silva Pinto e Flávio Cristiano Soares Rodrigues se conheceram no semáforo, onde trabalham limpando para-brisas de carros com rodinho. Depois de algum tempo, começaram a namorar e adotaram Bob, um filhote de Golden Retriever. Agora, após um ano e cinco meses de relacionamento, o primeiro filho do casal está a caminho. Ela, aos 34 anos, tem outros dois filhos, que vivem com o avô. Quando apresentou Flávio à família, os pequenos o aprovaram de primeira. "Foi uma surpresa, porque meu filho nunca se aproximou dos meus namorados." Nove anos mais jovem, Flávio está no fluxo desde a adolescência e chegou a ser recrutado pelo tráfico. "Quando vi amigos sendo presos ou mortos, achei melhor fazer outra coisa."







Cristiane e Flávio aguardam a chegada do filho com o mascote Bob. Leonardo e Kelly vivem juntos há dez anos e sobrevivem da reciclagem. Rodrigo reencontrou o filho no fluxo e conversa sempre com a mãe por videochamada. Toretto e Tiago reduziram o consumo de *crack* após conseguirem um teto para pernoitar







Apesar de ganhar a vida com o rodinho há tempos, Flávio tem experiência na construção civil e sonha com um emprego fixo. "Se a gente morasse na nossa quebrada, ia ser mais fácil ficar longe da droga, só que lá não tem emprego", lamenta Cristiane. O casal persegue uma meta diária de rendimentos nos semáforos, o suficiente para pagar o aluguel de 550 reais em uma pensão e comprar comida. Somente "o que sobra" pode ser destinado para pedra, maconha e cachaça. Ele não fuma todos os dias, e pega no pé da namorada para segurar a onda. "A gente já foi muito louco. Hoje, o que a gente mais quer é parar."

O fluxo também é um local de encontros e desencontros. A comovente história de Rodrigo Antônio de Souza, de 38 anos, poderia render um filme, não fosse a dificuldade de fazer o público acreditar no insólito roteiro. Ainda adolescente, teve um filho, mas o rejeitou. O tempo passou, vieram outros relacionamentos, novos filhos, mas problemas financeiros e brigas familiares o arrastaram para a Cracolândia, de onde não consegue sair desde 2019. Ele faz bicos para sobreviver e orgulha-se de ter nove profissões, entre elas pedreiro, gesseiro, eletricista e manobrista, sua favorita. Há pouco tempo, fez amizade no fluxo com um rapaz de 20 e poucos anos. Dias depois, enquanto o jovem conversava com a mãe por ligação de vídeo, descobriu que o amigo era ninguém menos que o filho abandonado há duas décadas. "Fiquei em choque. O cara é meu filho, mó boa-praça, gente fina. Olha tudo que eu perdi."

Apesar da relação conflituosa com os filhos, mantém uma conexão forte com a mãe, Maria Helena da Silva. Toda quinta-feira eles se falam por videochamada. Eventualmente, se encontram pessoalmente. "Minha mãe é tudo para mim", diz emocionado. Dos quatro filhos, a Lorena é o xodó. Acabou de completar 6 anos e aprender que o "Tio Rodrigo", na verdade, é o pai. "O dia que ela me chamou de 'papai Rodrigo' eu desabei. Chorei mais de uma hora", conta, orgulhoso de estar construindo uma relação diferente com a mais nova.

RENATINHO TERÁ DE SE DESDOBRAR ENTRE AS AULAS DE FRANCÊS E DE PERCUSSÃO NO CONSERVATÓRIO MUNICIPAL DE SP

Tiago Gomes Brito também se reconectou com a família há pouco mais de um ano. "Passei sete anos sem dar as caras, minha mãe achou que eu estava morto. Quando cheguei, foi a maior festa." Desde que passou a fazer parte do Projeto Teto, Trampo e Tratamento, que oferece moradia a dependentes químicos sem exigir abstinência completa, reduziu o consumo e começou a buscar emprego. Hoje trabalha como montador de feiras de rua três vezes por semana e, nos demais dias, faz bicos pelos comércios da região. Ao se reaproximar dos parentes, descobriu que a irmã mais velha é assistente social e animou-se a estudar para seguir o mesmo caminho. "Para ajudar outras pessoas como eu."

Diferentemente de muitos frequentadores da Cracolândia, Tiago está sempre bem vestido. É comum entrar no fluxo para comprar uma pedra e voltar com uma

Grávida de gêmeos, Poliana marca presença na exibição de filmes do Cinefluxo. Em seu escritório improvisado, Míriam vende roupas que foram descartadas por outros usuários apenas por estarem sujas. Uma boa lavagem é o suficiente para a "economia circular", ensina. Rei da roda de samba do fluxo, Renatinho toca surdo, pandeiro e tamborim. Está ansioso para aprender a manejar também a cuíca



peça de roupa nova, a última foi uma camisa do Barcelona. Hoje em dia prefere a tranquilidade de casa, pois não gosta de fumar na rua. Quando chegamos para fazer a foto, o colega de quarto, Toretto, estava lendo um livro. "*Pantera Negra*, do filme, sabe? Tô no capítulo 22, é bem legal, uma leitura fácil." Filho de pai boxeador, há poucos dias terminou de ler uma biografia do Muhammad Ali. "Mexeu muito comigo. Este é mais leve, parece um pouco Sidney Sheldon, tá ligada?"

O psicólogo Márcio Roque, que trabalha no Projeto Teto, Trampo e Tratamento, atualmente acompanha o tratamento de 25 usuários, entre eles Tiago e Toretto. "A partir do momento que eles têm uma moradia digna, um quarto só deles, o consumo de *crack* despenca", afiança. "A pessoa passa a ter outras coisas a que se dedicar. O simples fato de a pessoa acordar numa cama, e não no meio do fluxo, já faz toda diferença, porque a primeira coisa que ela vai fazer é se alimentar, tomar banho."

Muitas organizações da sociedade civil e grupos religiosos realizam atividades de redução de danos na Cracolândia. Com um projetor instalado em um carrinho de supermercado, o coletivo Cinefluxo exibe filmes para a turma. Outros grupos distribuem preservativos, piteiras, absorventes, água e alimentos – esse último item talvez tenha de ser excluído da lista se prosperar a higienista proposta do vereador bolsonarista Rubinho Nunes, a propor multa de 17 mil reais para quem distribuir comida a pessoas em situação de rua sem autorização da prefeitura. Na tentativa de disciplinar o fluxo, autoridades municipais e estaduais decidiram instalar grades na Rua dos Protestantes para delimitar o local que poderia ser ocupado pelos usuários. O governador Tarcísio de Freitas chama a iniciativa de "Corredor da Saúde", sob a alegação de que a estrutura facilita a abordagem social e médica. Na prática, é mais um gueto que precisa ser desocupado duas vezes ao dia para a passagem da equipe de limpeza. Se os usuários tardam a sair, a polícia encarrega-se de acelerar o processo com truculência, *spray* de pimenta e balas de borracha.

MUITAS MULHERES SE SENTEM MAIS PROTEGIDAS NO FLUXO DO QUE NAS RUAS DA CIDADE

"Essa violência só deixa todo mundo mais revoltado", afirma Renato Oliveira Júnior. Não foi fácil encontrar um espaço na movimentada agenda de Renatinho, como é conhecido. "Tenho aula de Francês. Podemos falar outro dia?" *C'est pas possible?* Não era um gracejo para justificar a falta de tempo ou de interesse. Ele realmente tem aulas de Francês, ministradas por outro frequentador da Cracolândia, que era professor na França, montou uma turma e, agora, cobra 20 reais por aula.

Esta é, por sinal, apenas uma faceta do multitalentoso Renatinho. Dançarino desde os 4 anos de idade, cresceu em meio à música. Ainda criança, venceu um concurso de calouros da tevê. A mãe guardou o dinheiro para ajudar a pagar as mensalidade da faculdade de Educação Física, que ele cursou por dois anos e abandonou quando passou a usar cocaína. "Foi aquela história de amor ao primeiro tiro. Algum tempo depois estava vendendo a geladeira de casa para comprar pedra e fui expulso de casa." À época, ele buscou tratamento e ficou meses internado, mas, ao sair da clínica, foi direto para a Cracolândia. Hoje, aos 33 anos, já passou por 24 internações.

"Não adianta forçar, a pessoa tem de querer. Não é simples, é um processo que vai acontecendo. Já vi muita gente parar



Carla aponta a Cracolândia como um dos raros locais onde se sente aceita e respeitada. Raquel abandonou o *crack* há 15 anos, mas continua a frequentar o fluxo. "É animado, sempre tem agito", explica. Agentes da Guarda Civil Metropolitana estão fichando os usuários de droga da região



sem ser internada", conta. Renatinho participa das atividades de vários coletivos de redução de danos, além de fazer aulas de Música e Fotografia. Toca surdo, pandeiro e tamborim, está ansioso para aprender cuíca. Com um instrumento na mão e uma coroa na cabeça, reina absoluto no pedaço. Recentemente, passou num edital da Escola de Música de São Paulo, o Conservatório Municipal, e no próximo semestre começará as classes de percussão. Há um ano perdeu a mãe, seu único vínculo familiar, e diz que não se vê mais fora do fluxo. "Mesmo se eu parar de fumar, não quero sair daqui. Quero trabalhar no fluxo para ajudar na recuperação de outros."

Quilombola do interior do Rio Grande do Sul, Míriam, de 42 anos, desenvolveu uma engenhosa maneira de ganhar a vida no fluxo. Inspirada no conceito de economia circular, passou a coletar roupas sujas, descartadas por outros usuários, para lavá-las e vendê-las. "Aqui tem muita coisa boa, de marca. Dizem que as pessoas também são o que vestem, então acho que contribuo para a autoestima delas." Com seu simbólico telefone celular de salto alto, atrai a atenção da clientela e parece bastante antenada ao debate político, fala de reforma agrária à especulação imobiliária no Centro de São Paulo, a mesma que estaria por trás do fechamento de antigas pensões no bairro da Luz, sob a justificativa de que abrigam escritórios do tráfico. "Vai vendo, daqui a pouco erguem um prédio novo lá. Sou bem informada."

Depois de várias passagens na cadeia, Carla, uma mulher transexual de 50 anos, aponta a Cracolândia como um dos poucos lugares onde ela se sente aceita e livre. Atualmente, consegue pagar o aluguel de uma modesta pensão na região e garante que não moraria "em nenhum outro lugar do mundo". Já a travesti Rachel abandonou o *crack* há mais de 15 anos. "Tenho nojo até do cheiro", diz. Apesar de estar limpa, a vida no fluxo a fascina. Com uma cartela de clientes fixa, ela diz que não precisa mais se expor na prostituição das ruas. "Por que eu colo no fluxo? É animado, sempre tem agito." Hoje, sua família são as amigas travestis com quem convive. "A gente se junta, cozinha, bebe e fuma maconha boa."

Várias mulheres garantem que a vida no fluxo é mais segura que na rua, onde estariam mais vulneráveis à violência sexual. Para a antropóloga Amanda Amparo, existe no território um instinto de "proteger uns aos outros". Ela pesquisa as relações sociais na Cracolândia há anos e identificou, no desenvolvimento de sua tese de doutorado pela USP, uma similaridade desse "ajuntamento de pessoas vulnerabilizadas" com os antigos quilombos. "A maioria dessas mulheres é de negras, pobres, com baixa escolaridade e empregabilidade. O tempo inteiro elas estão resistindo apenas com seu corpo. Elas buscam o encontro, não o isolamento." •



Polêmica radioativa

SOCIEDADE O avanço do projeto de exploração de urânio no interior do Ceará coloca em alerta moradores e ambientalistas

POR FABÍOLA MENDONÇA

Um projeto no interior do Ceará de exploração de colofanito, urânio associado ao fosfato, em discussão há mais de 50 anos, começa a avançar. O consórcio entre a estatal Indústrias Nucleares do Brasil (INB) e a Fasnor – Galvani S.A. visa explorar a principal mina de urânio do País e a quinta maior do mundo, situada entre os municípios de Santa Quitéria e Itatira, no sertão cearense, a cerca de 220 quilômetros de Fortaleza. No fim de maio, a Comissão Nacional de Energia Nuclear concedeu aval à primeira etapa do processo de licenciamento. Segundo a CNEM, a proposta atende de forma "satisfatória" aos requisitos técnicos e geológicos. No início de junho, o Ibama publicou no *Diário Oficial* o aceite do projeto, a quarta versão do Estudo de Impacto Ambiental apresentado

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 26



Política. Ronaldo Caiado corre por fora na disputa pela preferência dos bolsonaristas



Retomada. O governador Elmano de Freitas recebeu representantes do consórcio interessado em explorar a mina e garantiu a prorrogação do memorando

ARQUIVO/GOVCE E ACERVO/MME

pelo consórcio, documento com mais de 15 mil páginas. No fim de 2022, o órgão tinha solicitado a revisão do documento, depois de ter negado duas versões anteriores, em 2004 e 2011.

A exploração preocupa moradores da região e ambientalistas. No ano passado, o Conselho Nacional de Direitos Humanos realizou uma missão *in loco* para analisar o Projeto Santa Quitéria e constatou uma série de irregularidades e alto risco de contaminação pela radiação gerada pelo urânio. Além disso, a histórica escassez hídrica na região, em tese, inviabilizaria o empreendimento. De acordo com moradores das comunidades próximas à jazida, mensalmente, cerca de 30 carros-pipa abastecem as localidades por conta da constante falta d'água, quantidade insignificante quando comparada à previsão de consumo da mina. "São cerca de 855 metros cúbicos por hora, numa região semiárida, e essa água seria retirada do Açude Edson Queiroz, fonte de abastecimento dos municípios da região. Esse consumo certamente comprometerá a segurança e a soberania alimentar das comunidades camponesas, dos assentamentos e das colônias de pescadores existentes naquela área", denuncia Raquel Rigotto, professora do departamento de saúde comunitária da Universidade Federal do Ceará e integrante da Articulação Antinuclear do estado.

O problema hídrico foi um dos motivos que levaram o Ibama a negar um dos licenciamentos. Como forma de driblar o problema, o consórcio assinou um acordo com o governo do Ceará, à época sob o comando do atual ministro da Educação, Camilo Santana, que viabilizaria a infraestrutura necessária, como a construção de barragens. "Fica evidente que a escassez hidráulica no sertão não é pela falta d'água, mas pelos interesses políticos que historicamente definem quem pode ter acesso à água e quem não pode", critica Pedro D'Andrea, da direção nacional do Movimento pela Soberania Popular na Mineração. "Como é que numa região seca o governo resolve investir numa usina e não nas comunidades para atender aquela população?", pergunta Virgínia Berriel, do CNDH. "Temos uma Política Nacional de Recursos Hídricos de 1997 com princípios claros: em casos onde houver situações de estresse hídrico, devem ser priorizados os abastecimentos dos humanos e dos animais. Estamos num contexto de mudanças climáticas, no meio do sertão central do Ceará, em um município inserido em um processo de desertificação, e o empreendimento requer milhares de litros de água por dia. Isso também fere a Política Internacional de Recursos Livres", avisa D'Andrea.

> Além dos riscos associados ao minério, há a disputa pela água em uma região seca

Em maio do ano passado, o governador Elmano de Freitas recebeu representantes do Consórcio Santa Quitéria, que apresentaram a essência do projeto e saíram do encontro com a garantia de renovação do memorando que viabiliza a construção do complexo mineroindustrial. "Tivemos a oportunidade de dialogar com o governador e detalhar o projeto, extremamente importante e benéfico para o Ceará e o Brasil. Vamos, de maneira responsável, disponibilizar produtos inovadores e os mais limpos e de maior pureza do mercado, impulsionando a agricultura e a pecuária das regiões Nordeste e Norte, gerando novas oportunidades de negócios nesses setores e diminuindo a enorme e incômoda dependência de importações de fertilizantes fosfatados", comentou Rodolfo Galvani Júnior, representante da Galvani, em texto publicado no *site* do consórcio. Procurado pela reportagem, o governo do Ceará não atendeu aos pedidos de esclarecimento.

Raquel Rigotto enumera as consequências da contaminação radioativa, caso a mina de urânio e fosfato comece a ser explorada. "O risco é alto, seja para os trabalhadores no empreendimento,

caso ele eventualmente venha a ser aprovado, seja para as populações do entorno, a partir de emissões atmosféricas de poeiras e gases radioativos, como o radônio, e da possibilidade de contaminação das águas superficiais e subterrâneas. Na região estão as nascentes e os principais afluentes de rios muito importantes no estado, Aracatiá, Caraú, Curu e Aracatiá Sul, que correm até a zona litorânea, de forma que a contaminação desses cursos d'água seria levada para todo o território cearense. Isso implica sérios problemas para a saúde, especialmente em termos de cânceres e de más-formações congênitas, pelos prejuízos que as radiações ionizantes são capazes de causar no DNA."

Guilherme Zagallo, responsável pelo relatório produzido pela CNDH, cita a visita a algumas comunidades próximas à jazida, nas quais foi constatada a incidência de mortes por neoplasia no período 2012 e 2021 superior à média do estado. "Enquanto a média do Ceará foi de 1,06 casos de óbitos por mil habitantes em 2019, em Santa Quitéria foi de 87, no assentamento de Morrinhos foi 2,58 e em Queimadas 5,75", compara. "Às vezes, a contaminação se dá pelos lençóis freáticos, mas também porque nas pesquisas realizadas na década de 1970 para identificar o tamanho do corpo, foram construídas galerias e retirado muito material, milhares de toneladas, manuseado por gente dessas comunidades." D'Andrea acrescenta: "Na medida em que você contamina o solo, a água e o ar, também estará contaminando as produções agrícolas. Consequentemente, baixa a capacidade de produção, vêm o adoecimento da população e a queda da produtividade, e isso incide sobre o padrão de segurança alimentar. O grande problema da mineração de urânio não é o urânio em si, mas a cadeia de transformação, os chamados filhos do urânio. Você tem um conjunto de metais pesados muito prejudiciais à saúde, porque permanecem durante muito tempo na natureza. E um deles chama-se gás radônio, que, se soprar vento de até 15 quilômetros por hora, pode chegar a até mil quilômetros de distância. A maior causa de câncer de pulmão no mundo é o tabagismo e a segunda é o gás radônio. E esse gás não tem cheiro, não tem cor, não tem como controlar".



ISTOCKPHOTO, ACERVO/MAM E DEAN CALMA/IAEA IMAGES

Os moradores temem a contaminação, o consórcio cita a geração de milhares de empregos

Ao menos dois familiares de Ingrid Souza, moradora de Queimadas, desenvolveram câncer e a principal suspeita é de que a origem tenha sido a radiação do urânio. O avô trabalhou na escavação das galerias e faleceu em 2020, depois do diagnóstico avançado. A avó, incumbida de lavar o uniforme do marido, descobriu o câncer no início e conseguiu tratar e conter o avanço da doença. "Sabemos que esse projeto vai causar muita destruição para a nossa região, não vai servir para nós. É um empreendimento de morte. Em vez desse empreendimento, cobramos do governo água para as nossas comunidades", pede Ingrid. A população da região, diz, não foi ouvida sobre o projeto, o que fere a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, da qual o Brasil é signatário. Pela norma, as comunidades tradicionais devem ser consultadas sempre que medidas legislativas ou administrativas possam afetá-las diretamente. Segundo a AAC, na região existem mais de 150 comunidades camponesas, em torno de 35 terras indígenas em processo de demarcação, 16 quilombos, além de 28 povos de terreiro.







Alerta.
Os moradores da região se mobilizam contra o projeto. A empresa fornecerá a Angra e à agricultura

Na aldeia Quixaba, a 22 quilômetros da mina, há um sítio arqueológico registrado, com objetos tupi-guarani de mais de 300 anos, igualmente sob risco.

Segundo o Consórcio Santa Quitéria, as rochas com fosfato e urânio serão retiradas da mina, britadas e depois moídas, para, então, passarem pelo processo de calcinação, que separa os minerais e resulta num concentrado de rocha fosfática. Na sequência, o produto é submetido a um processo industrial para extrair o ácido sulfúrico, essencial para se obter o ácido fosfórico, que passará por uma etapa de purificação para separar integralmente o urânio do fosfato e dar origem a dois novos produtos: o ácido fosfórico sem urânio e o licor de urânio. O licor é transformado numa pasta que, depois de seca, vira um pó, embalado e transportado até o Porto do Pecém, de onde seguirá para exportação. "De volta ao Brasil na fábrica da INB no Rio de Janeiro e depois de submetido a outros processos industriais, o urânio é utilizado na fabricação do combustível que gera energia nas usinas nucleares", explica um vídeo institucional do projeto. O ácido fosfórico, por sua vez, é a base de fertilizantes e de um composto usado na nutrição animal e deve, prioritariamente, abastecer agricultores e pecuaristas do Nordeste e do Norte. A produção anual prevista é de mais de 1 milhão de toneladas de fosfatados, entre fertilizantes e produtos para alimentação animal, e 2,3 mil toneladas de concentrado de urânio para a geração de energia elétrica.

Até o fim do ano, o Ibama decidirá se emite ou nega uma licença prévia de exploração. O passo seguinte é a licença de instalação, que vai analisar mais detalhes do projeto. A terceira fase avalia a operação em si. Cada fase dura, no mínimo, dois anos. O consórcio garante, em todas as etapas, o controle ambiental do processo e promete gerar quase 3 mil empregos diretos na fase de construção e outros 2,3 mil na etapa de produção. •

Bode expiatório

ENTREVISTA O debate sobre a Previdência é puramente ideológico, afirma o ministro Carlos Lupi

A ANDRÉ BARROCAL

Quando Lula assumiu o terceiro mandato, havia 2,4 milhões de brasileiros na fila do INSS. Agora são 300 mil, o que leva o órgão a atender 40 milhões de beneficiários, entre aposentados, pensionistas e os favorecidos de forma assistencial. As despesas anuais da Previdência beiram 1 trilhão de reais, daí o "mercado" e seus porta-vozes midiáticos sempre a incluírem nas "ideias" para enxugar o orçamento federal, obsessão dessa turma. Vozes que nada falam, entre outras, da fábula gasta com os juros da dívida, dos privilégios da toga e da farda e de dois desfalques no INSS: isenções e calote. "O câncer da sociedade moderna são grupos elitistas que dominam e ficam com o grosso do dinheiro público", diz Carlos Lupi, ministro da Previdência, na entrevista a seguir.

CartaCapital: O que o senhor acha da pressão do "mercado" e da mídia para o governo cortar gastos? A Previdência está sempre na mira.

Carlos Lupi: Não vejo uma discussão profunda, porque todo mundo tem medo, mas eu quero discutir: e as pensões e aposentadorias dos militares? E as aposentadorias do Poder Judiciário? Por que tem que discutir a situação de alguém que ganha, em média, 1.860 reais por mês? "Ah, porque o contingente é muito grande". Mas a Previdência faz distribuição de renda para quem precisa. Essa é a discussão que a mídia, os grandes especialistas do apocalipse deveriam fazer. Alguém fala que 40 milhões de brasileiros são beneficiados pela Previdência?

CC: O debate não tem pessoas, tem planilhas.

CL: Quando se trata de ser humano, o debate não pode ser travado como déficit. Quarenta milhões de pessoas é uma Argentina, são 20% da população. Hoje, mensalmente, investem-se na Previdência 65 bilhões de reais e, em média, de 22% a 30% desses recursos voltam para o governo como imposto direto ou indireto. Sessenta por cento dos municípios quebrariam sem a Previdência, pois neles o peso da Previdência é maior do que o do Fundo de Participação dos Municípios. A cadeia produtiva da Previdência é altamente democrática e incentivadora da economia. Isso tudo tem de ser considerado. Mas, não, a discussão é ideológica. Fala-se da Previdência, mas não se fala de quanto o Brasil paga de juros da dívida pública com essa taxa de juros absurda (do Banco Central). É mais fácil não mexer com poderosos. Vão mexer com os poderosos do Judiciário? Eles têm caneta, mandam prender, mandam soltar, julgam... Nós estamos discutindo os grandes marajás que não estão no INSS?



Privilégios. Ninguém quer discutir a Previdência de juízes e militares, diz Lupi

CC: Quem são esses marajás?

CL: Não são do INSS, que têm um teto de 7,2 mil reais. Tem gente que ganha 40 mil, 50 mil, e não é do INSS, eu te afirmo que não é. Alguém está discutindo isso? Alguém está discutindo as isenções fiscais?

CC: Que isenções atacaria primeiro?

CL: Isenção só pode ser dada a quem oferece alguma contrapartida. O que chamo de contrapartida é quanto o Estado ganha com a isenção. Um exemplo: quantos empregos a empresa beneficiada por isenção está garantindo. Outra coisa, o setor agropecuário. Normalmente, não paga imposto nenhum e, quando paga, é pouco. Na minha área então, assustadoramente, ou é isento ou é pequeno. Tem contrapartida? Tem. Na balança comercial é o setor mais importante. Mas são grandes conglomerados. Há pequenas cooperativas que fornecem para esses grandes grupos e são esses grandes grupos que ganham com as exportações.

CC: E quanto aos devedores, é algo para ser atacado prioritariamente? A AGU e a Previdência vão montar uma



CRISTIAN GÓES/PREVIDÊNCIA SOCIAL E JOÉDSON ALVES/ABR

Retorno. Cerca de 30% do pagamento aos aposentados e pensionistas volta aos cofres públicos em forma de impostos

espécie de força-tarefa para cobrar essas dívidas?

CL: Dívida, para quem tem como pagar, é só ser duro. Para quem não tem, é acordo. Hoje, o INSS é o maior latifundiário do Brasil, tem muitas propriedades, muitos terrenos, muitos prédios valiosos. A empresa faliu e teve que deixar um patrimônio como garantia da dívida, por exemplo. Por que não pode ser feito isso com todas as dívidas? Tem algumas empresas grandes, grandes mesmo, que estão na ativa e não pagam. É assustador ver quais são os maiores devedores. O trabalho que a gente vai fazer é sentar e negociar. Se não pagar, não pode ter financiamento (público), não pode exportar.

CC: A ideia de desvincular reajustes do salário mínimo daquilo que o INSS paga está enterrada de fato, após as declarações recentes do presidente?

CL: Sabe quando o Lula vai trair sua natureza, sua origem, sua história, sua biografia? Nunca. Lula é um filho de migrante nordestino, um homem que venceu em São Paulo nas décadas de 60, 70, como muitos brasileiros, pertence a essa base da sociedade que não é orgânica. Você tem especialistas para tudo, mas nunca vai ver um especialista defender a massa. O voto dessa base popular pode ir para o Bolsonaro, como pode ir para o Lula. Pela barreira ideológica, pela política de costumes, quem tem uma religião mais ortodoxa vai para o Bolsonaro, quem não tem vai para o Lula.

> "Os grandes marajás não estão no INSS"

CC: O economista Fábio Giambiagi produziu um estudo, segundo o qual a política de valorização do salário mínimo vai significar 100 bilhões a mais de gastos para a Previdência em quatro anos. E fez isso para defender corte de gastos. O que acha?

CL: Pergunto a esse grande economista se ele calculou quanto significam as perdas com o pagamento de juros por causa da alta taxa mantida pelo Banco Central. Ele calculou quanto significa de perda para a saúde, para a educação? Por que a discussão só pode ser sob a ótica do mais fraco ser oprimido e do opressor dizer que tem de ser assim? Mudou, o Bolsonaro saiu do governo, chega. Ou a gente começa a discutir com profundidade com a sociedade ou ele (Bolsonaro) volta.

CC: O que a Previdência pode fazer por conta própria, independentemente dessas pressões? Como será, por exemplo, essa revisão de benefícios a partir deste mês?

CL: A palavra não é revisão. Temos a obrigação constitucional, legal, de a cada dois anos fazer a verificação da procedência, da legalidade e da regularidade dos benefícios concedidos provisoriamente. Você tem, e não é pequena quantidade, aposentadorias temporárias por invalidez, tem benefícios permanentes por saúde.... Então, o que a lei faculta? Que a cada dois anos todos esses benefícios sejam checados. É isso que a gente está começando a fazer, com um efetivo de 150 funcionários. Vamos dobrar esse efetivo. •

Cavalo manco

2026 Ronaldo Caiado quer ser o herdeiro de Bolsonaro, mas ele é praticamente desconhecido do eleitorado nacional

POR MAURÍCIO THUSWOHL



Ainda falta muito tempo para as eleições de 2026, mas a inequívoca ausência de Jair Bolsonaro – tornado inelegível até 2030 – faz com que cresçam a cada dia as especulações sobre qual nome do campo bolsonarista enfrentará Lula nas urnas daqui a dois anos e meio. O próprio presidente, em discurso na semana passada, apontou como possíveis adversários de direita os governadores de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos); de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo); do Paraná, Ratinho Júnior (PSD); e de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil). Cada um a seu modo, os quatro eventuais postulantes ao Palácio do Planalto trabalham nos bastidores de olho na possível candidatura. Entre eles, Caiado é o mais desenvolto e sua agenda, desde o início do ano, alterna compromissos em seu estado com viagens e reuniões já em ritmo de pré-campanha. "O Caiado tem se oferecido todos os dias, mas não sei se será mesmo candidato", diz Lula.

Como freio às pretensões de Caiado, Lula aposta na divisão do União Brasil, partido claudicante no apoio ao governo no Congresso Nacional, mas que aos trancos e barrancos mantém os ministros Juscelino Filho (Comunicações) e Celso Sabino (Turismo) no primeiro escalão. Já o governador de Goiás, que conta com os apoios declarados do presidente da legenda, Antonio Rueda, e do secretário-geral, o ex-prefeito de Salvador ACM Neto, participou em junho de reuniões com líderes partidários e parlamentares de direita no Ceará e em Santa Catarina para discutir a viabilidade de sua candidatura. "Pré-candidato de oposição não pode se dar ao luxo de esperar para começar a campanha só no ano eleitoral. Estou discutindo os temas que preocupam os brasileiros, que sofrem com o governo muito ruim de Lula."

Caiado é um político de comunicação fácil com determinados setores da sociedade, habilidade já demonstrada quando surgiu no cenário político nacional como líder da União Democrática Ruralista (UDR) e candidato da di-

> O governador é aprovado por 86% em Goiás. Só que o estado é o décimo colégio eleitoral do País



Na aba do capitão. Caiado não é o único a disputar o espólio do inelegível

reita rural à Presidência da República em 1989 pelo antigo PSD (não confundir com o atual, comandado por Gilberto Kassab). Costumava aparecer na propaganda eleitoral da tevê com ares de galã de faroeste, com chapéu e montado em um cavalo branco. Como senador, e depois governador, construiu nos últimos 14 anos um discurso moralista nos costumes e linha-dura na segurança pública, que agrada em cheio ao eleitorado goiano, majoritariamente bolsonarista. Paralelamente, consolidou sua presença como defensor do agronegócio e das elites rurais do Centro-Oeste.

Uma pesquisa divulgada pela Quaest em abril registra um índice de 86% de aprovação à gestão de Caiado no estado, com destaque para o desempenho do governo goiano em segurança, considerado como bom ou muito bom por 69% dos entrevistados, e em educação, com aprovação de 67%. Nesse último item reside uma das principais vitrines políticas de Caiado, as escolas cívico-militares, que já contam com cerca de 70 unidades na rede estadual de Goiás, um recorde nacional. Na segurança, o governador apoia-se em dados que apontam uma redução pela metade – de 2.117 para 1.046 – no número de homicídios dolosos cometidos no estado entre 2018 e 2023. Em compensação, a polícia goiana mata duas vezes mais que a média nacional, segundo levantamento do Observatório de Segurança Pública, ficando atrás somente de Rio de Janeiro e Bahia.

"Caiado faz em Goiás um governo bem avaliado naquelas que são as expectativas do seu eleitorado. Claro que pode apresentar isso como credencial no plano nacional e ter um trabalho em torno do seu nome para tentar se fortalecer", avalia Cláudio Couto. O cientista político e professor da FGV de São Paulo afirma, porém, não crer na possibilidade de o governador ser um candidato forte na disputa presidencial: "Não quer dizer que não possa vir a ser, mas eu hoje não apostaria muito na chance de Caiado se viabilizar como um candidato realmente competitivo. Embora ele seja conhecido por quem acompanha a política brasileira, um governador de Goiás, colégio eleitoral secundário, não costuma ser uma figura com grande visibilidade nacional".

No campo bolsonarista, o maior empecilho para que Caiado seja o candidato preferencial em 2016 tem nome e sobrenome: Tarcísio de Freitas. Coordenadora do Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada da UFRJ, Mayra Goulart avalia que, mesmo com aprovação mais alta nas pesquisas estaduais, Caiado vem de um colégio eleitoral muito menor do que São Paulo, fator decisivo para a escolha do adversário bolsonarista de Lula: "Goiás é o décimo colégio eleitoral, com 4,8 milhões de eleitores. A alta aprovação no estado tem pouca influência fora do Centro-Oeste e Caiado não consegue estabelecer nos estados fora da sua região o fluxo informacional em seu favor".

Outro elemento de dissociação, acrescenta a professora, é que Tarcísio é o verdadeiro candidato da Faria Lima: "Ele vem de uma direita tradicional, assim como Caiado, porém mais articulada internacionalmente e mais moderna, além de representante do mercado financeiro". Goulart diz que Caiado pertence a um tipo de direita arcaica, simbolizada por caudilhos locais. "É muito ligado ao agronegócio, criador da UDR precursora da bancada ruralista. Tem um perfil de direita diferente do Bolsonaro, mais tradicional do que Tarcísio, porém com







Concorrentes. Tarcísio de Freitas, Romeu Zema e Ratinho Jr. governam estados mais ricos e populosos

GERALDO BUBNIAK/GOVPR, GIL LEONARDI/GOVMG E MÔNICA ANDRADE/GOVSP

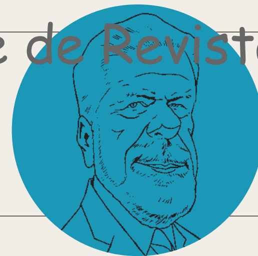
menor capacidade de agir sobre os formadores de opinião. O mercado tem incidência muito grande na mídia tradicional, o Tarcísio tem essa vantagem."

Petista experiente, o deputado federal Rui Falcão avalia que, embora ainda muito cedo, tudo caminha para que o governador de São Paulo seja mesmo o principal adversário de Lula: "Eles ficam dizendo que não, que Tarcísio tem reeleição garantida ao governo estadual em 2026 e não vai se arriscar, mas isso não existe". Na análise de Falcão, Tarcísio já busca cacife para a candidatura presidencial. "O caso da Sabesp é um escândalo, é a terceira privatização que tem um só concorrente. A concessão do aeroporto também teve um concorrente único, o trem Campinas-São Paulo idem", observa. "A Equatorial tem participação da BlackRock, tem participação do Opportunity. Então, Tarcísio está se cacifando para ter um forte apoio empresarial." Sobre as chances do governador de Goiás, Falcão fulmina: "Não é que não vejo viabilidade eleitoral para o Caiado, eu não vejo viabilidade nem para ele ser candidato. Se a direita se fragmentar, ele até pode tentar repetir a campanha de 1989, mas tudo indica que a direita tende a convergir a um único candidato na eleição".

Muito da viabilidade de Caiado para 2026 passa pela relação de seu partido com o governo Lula. Ao mesmo tempo que tem o apoio da cúpula partidária nas figuras de ACM Neto e Rueda, o governador esbarra no político mais influente do União Brasil hoje, o senador Davi Alcolumbre, cotado para ser o próximo presidente do Senado e principal avalista das presenças de Juscelino e Sabino no ministério de Lula. Ex-líder da bancada do PT na Câmara, o deputado federal Zeca Dirceu diz que "a chance é zero" de Caiado ser bem-sucedido em suas pretensões eleitorais. "Bolsonaro não confia em ninguém e só dá espaço à própria família. O candidato dele será Michele ou Flávio. Tendo alguém na campanha com sobrenome Bolsonaro, não sobra nada de espaço a qualquer outro líder da direita. Ainda mais Caiado, que é um desconhecido no Sul e Sudeste, onde temos o grosso do eleitorado brasileiro, mais de 50%", diz.

> O governador paulista também conta com o entusiasmado apoio da mídia e da Faria Lima

Dirceu afirma não ver nenhum partido ou força política de maior peso ao lado do governador de Goiás. "Nem o próprio União Brasil tem acordo e unidade para apoiá-lo sequer na pré-campanha." Pelo termômetro de Brasília, diz o deputado, o partido de Alcolumbre não deixará o governo Lula, ao menos por enquanto: "O União Brasil tem dois ministros no governo, tem candidatos a presidente da Câmara e Senado. O que transparece entre a maioria dos deputados e senadores do partido é que Caiado não é prioridade". •



JAQUES WAGNER

Líder do governo no Senado, foi governador da Bahia e ministro do Trabalho, da Defesa e da Casa Civil

A verdade em números

▶ O País voltou a crescer de forma sustentável e com responsabilidade fiscal. Os indicadores econômicos demonstram esse fato com clareza

O Brasil já retomou o caminho do crescimento e não é preciso formação em Economia para chegar a essa conclusão. Números recentes são suficientes para demonstrar que o governo Lula está conseguindo estabilizar o País pelo prisma da responsabilidade fiscal combinada com a responsabilidade social, apesar do freio de mão puxado por uma política de juros assumidamente contracionista. Apenas alguns exemplos: 1 milhão de novas vagas de emprego apenas nos primeiros cinco meses de 2024. Recorde histórico no total de pessoas empregadas pelo segundo mês consecutivo, chegando a 101,3 milhões de trabalhadores, 23,1% deles com ensino superior. Desemprego em queda desde o início do governo, fechando o semestre em 6,8%, nível mais baixo em dez anos.

Aumento da renda do trabalho em 11,7% em 2023, em relação a 2022. Reajustes salariais reais (acima da inflação) somaram 87% das negociações entre categorias e empregadores. Inflação sob controle, fechando em 0,39% em junho, abaixo das expectativas do mercado financeiro e dentro da meta. Arrecadação federal em alta, com aumento recorde de 10,46% em maio, resultado de medidas fundamentais para a economia aprovadas pelo Congresso em 2023. Crescimento do PIB superando expectativas: resultados de 2,9% em 2023 e de 0,8% no primeiro trimestre de 2024 levaram o Banco Central a rever de 1,9% para 2,3% a projeção de crescimento em 2024, aproximando-se da previsão do governo federal, de 2,5%.

Abertura de 1,43 milhão de pequenos negócios até abril deste ano, 9,1% a mais que em 2023. Recuperação do índice de confiança do consumidor, que volta a 91,1 pontos em junho. Queda de 1,2% no número de inadimplentes de março para maio deste ano. Recorde da utilização da capacidade instalada da indústria, que atingiu o maior nível em dez anos. Venda de 1 milhão de veículos até a primeira quinzena de junho, maior marca dos últimos cinco anos. O setor já anunciou 130 bilhões de reais em investimentos.

Não se pode dizer que sejam dados aleatórios, mas complementares, todos de fontes oficiais e componentes de uma mesma trajetória positiva da economia. O resultado de uma ação governamental deve ser bom não apenas "para inglês ver", mas principalmente para o bolso do cidadão. Afinal, o que almeja um país que busca o bem-estar da população senão a dignidade de suas famílias? De que adianta um país estar em plena rota de crescimento sem que a riqueza seja compartilhada por todos? É disso que estamos falando.

Não há nenhum motivo racional para que se desconfie da seriedade do governo federal com as contas públicas. Em todos os seus mandatos, o presidente Lula demonstrou seu compromisso com a estabilidade fiscal, inclusive na atual gestão, queira ou não o crítico mais ácido.

Fui testemunha disso no primeiro mandato, com participação direta. Na condição de ministro do Trabalho de Lula, defendi com convicção o aumento real do salário mínimo (acima da inflação) já no ano da posse, 2003. Ainda não havia uma lei de valorização permanente como a de hoje.

Ciente de que mudanças não acontecem da noite para o dia, agiu com cautela e o reajuste foi menor do que o solicitado. No ano seguinte, repetiu-se o processo: levei a proposta de reajuste real, mas as condições macroeconômicas impediram a sua aprovação.

Apenas no terceiro ano do mandato é que conseguimos uma valorização mais robusta do salário mínimo, e pouco depois adotamos uma política permanente para garantir que a riqueza do País fosse distribuída para a base da pirâmide, para quem mais precisa. Essa política, aliás, sempre foi prioritária para a professora Maria da Conceição Tavares (1930-2024), que nos deixou recentemente e com quem tive a honra de conviver e aprender. Resultado: a valorização do mínimo nos dois primeiros mandatos do presidente Lula chegou a 57%, descontada a inflação do período.

Agora, a história se repete, mas com um diferencial: sabemos que o aumento real funciona, distribui renda, reduz a desigualdade e, acima de tudo, confere dignidade às famílias brasileiras, que pouco a pouco vão galgando degraus na pirâmide por meio da renda do trabalho, até que a pobreza extrema e a insegurança alimentar sejam eliminadas do País.

Muitos consideram essa meta uma grande ilusão, pois implica reduzir ganhos dos que ocupam o topo da pirâmide, mas me recuso a desistir pelo comodismo. Prefiro o otimismo de considerar plenamente possível. Basta que todos se unam em torno do mesmo propósito de justiça social, justiça tributária e justiça econômica. Sabemos que o caminho não é simples nem fácil, mas a dificuldade só aumenta a nossa vontade de melhorar a vida de quem mais precisa. •

sen.jaqueswagner@senado.leg.br

BAPTISTÃO

Depois da tormenta

PORTO ALEGRE As enchentes de maio minam o capital político do prefeito e reconfiguram o cenário eleitoral na capital gaúcha

POR RENÉ RUSCHEL

Com o controle da máquina pública e a perspectiva de construir um amplo arco de alianças, tão elástico quanto a sua base de 16 partidos na Câmara Municipal, o prefeito de Porto Alegre tinha motivos para acreditar numa reeleição sem sobressaltos. Após o colapso do sistema de drenagem da cidade em meio às cheias do Lago Guaíba, Sebastião Melo vê-se diante da hercúlea missão de convencer o eleitorado de que não teve culpa na tragédia, a despeito do pífio orçamento reservado nos últimos anos para a prevenção de desastres e a manutenção da rede de bombas e comportas. Além do Centro da capital gaúcha, 46 bairros ficaram submersos. A própria prefeitura estima um prejuízo de 8 bilhões de reais.

Em recente sondagem do instituto AtlasIntel, 59% dos entrevistados reprovam a administração Melo, ante 37% que aprovam. Realizada em meados de junho, pouco depois do desastre climático que assolou o Rio Grande do Sul, a pesquisa ouviu 1.798 eleitores porto-alegrenses. O Datafolha também saiu às ruas e concluiu que 75% dos gaúchos acreditam que era possível evitar uma destruição desta magnitude, 24% acham que não e 1% diz "não saber". Na Região Metropolitana de Porto Alegre, o descrédito é ainda maior: 81% dos entrevistados também afirmam que os estragos poderiam ter sido minimizados, enquanto 18% dizem o contrário.

O reflexo do desastre climático começa a ser captado pelas pesquisas eleitorais. Em abril, Melo liderava a corrida municipal com 40% a 42% das intenções de voto, muito à frente da segunda colocada, Maria do Rosário (PT), que tinha entre 22% e 26%, segundo o Real Time Big Data. Em meados de junho, após o dilúvio do mês anterior, as posições se inverteram. A deputada petista teria 30,2% da preferência dos eleitores, enquanto Melo figura com 24,8%, de acordo com uma pesquisa encomendada pela CNN Brasil ao instituto Atlas. A seguir vêm Any Ortiz (Cidadania), com 9,1%, Comandante Nádia (PL), com 8,5%, e Juliana Brizola (PDT), com 8,2%.

> Se tinha chance de se reeleger no primeiro turno, Sebastião Melo agora terá de suar a camisa para derrotar Maria do Rosário

Esse novo cenário mudou, inclusive, as propostas e estratégias de campanha. Temas que não eram tão debatidos em eleições anteriores, como uso e ocupação do solo, plano urbanístico, saneamento básico, sistema antienchentes e manutenção das casas de bombas, passaram a ser prioritários para os 1,3 milhão de habitantes de Porto Alegre.

Vereador, vice-prefeito, deputado estadual, o goiano Sebastião Melo tornou-se prefeito de Porto Alegre em 2020, ao derrotar Manuela D'Ávila, do PCdoB, em uma eleição tumultuada e repleta de *fake news*. Após vencer a disputa, foi condenado pela Justiça Eleitoral por distribuição irregular de santinhos e por divulgar nas redes sociais uma pesquisa falsa, na véspera do segundo turno. Punição leve, sua coligação foi obrigada a pagar multas. Ao tomar conhecimento da decisão, Manuela protestou: "Que no futuro o prêmio pela divulgação de notícias falsas, pesquisas falsas e caminhões distribuindo mentiras não seja a prefeitura da nossa cidade".

Agora, Melo trabalha para minar candidaturas da chamada "terceira via" e afina o discurso de que o desastre na cidade deveu-se ao excesso de chuvas, não havendo nada que pudesse ter sido feito para minimizar os impactos. No auge da crise, aliados chegaram a sondá-lo sobre a possibilidade de desistir da candidatura. Recusou, por entender que a desistência soaria como uma "confissão de culpa", dizem fontes próximas ao prefeito. Questionado por *CartaCapital*, ele afirmou, por meio de nota, que está dedicado à agenda da prefeitura de Porto Alegre, com foco na reconstrução da cidade, e que "só vai se manifestar no aspecto eleitoral após as convenções partidárias". Líder do governo na Câmara Municipal, o vereador Idenir Cecchim, do MDB, não retornou aos pedidos de entrevista.



Jogo aberto. O alcaide perdeu a liderança nas pesquisas, mas ainda derrotaria a deputada petista no segundo turno



JOEL VARGAS/GOVRS E REDES SOCIAIS

Mesmo com a percepção majoritária de que as autoridades municipais falharam na contenção das cheias do Guaíba, o prefeito derrotaria Rosário no segundo turno, por 43,7% a 38,2%. A deputada petista está em seu sexto mandato parlamentar. Foi vereadora, deputada estadual e ministra-chefe da Secretaria de Direitos Humanos no governo Dilma Rousseff. Disputa pela segunda vez a prefeitura de Porto Alegre. Em recente entrevista ao UOL, disse que sua campanha estará voltada ao debate de projetos inovadores na dimensão ambiental e de infraestrutura. “Vamos ampliar o sistema de proteção às águas para tornar nossa cidade mais segura, para que a população não tenha mais medo de chuva.”

Professor do Departamento de Ciência Política da UFRGS, Benedito Tadeu não acredita que Melo retire sua candidatura nem que venha a ser substituído. “Há alguns nomes que podem ser tentados, mas me parece que não existe outro candidato à direita com o enraizamento popular necessário. A proximidade das eleições cria enormes dificuldades para a consolidação de um nome alternativo, mas na política nada é impossível.”

Até as enchentes de maio, prossegue o especialista, Melo era um candidato imbatível, com grandes chances de vencer no primeiro turno. Tinha uma ótima aceitação nas áreas periféricas da cidade, de menor renda, além de amplo apoio do empresariado, sobretudo nos setores de construção civil e transportes coletivos, e a simpatia dos bolsonaristas. Após as cheias do Guaíba, perdeu boa parte do seu capital político, mas o cenário segue indefinido. “O prefeito ainda tem uma pequena vantagem no segundo turno, mas ela pode ser revertida. Lembremos que Lula, nas eleições para a Presidência da República, e Edegar Pretto, na disputa pelo governo estadual, venceram o último pleito em Porto Alegre. O jogo segue aberto.”

Brasília não está à venda

OPINIÃO O PPCUB não passa de um grande plano de negócios para atender à cobiça do setor imobiliário

POR GABRIEL MAGNO*



A população brasiliense orgulha-se de dizer que mora em uma cidade que é Patrimônio Mundial da Humanidade. Não por menos: Brasília é o único centro urbanístico contemporâneo que figura na prestigiosa lista da Unesco. Em 1987, com apenas 27 anos de existência, foi elevada ao mesmo patamar de cidades seculares como Roma, Paris, Cidade do México e Cairo. E ser a mais jovem cidade desse rol nos colocava diante do desafio e do privilégio de vivenciar e construir a excelência de uma cidade moderna.

Nem tudo foram flores nesse processo. É preciso recordar a exclusão recorrente daqueles que colocaram a cidade de pé e dos que a fazem funcionar. Os ideais coletivistas do projeto de Lucio Costa foram prematuramente solapados pela ditadura, que não se furtou em acumular atrasos ao País. O que ajudou a concentrar melhores infraestruturas, equipamentos e serviços no Centro da cidade. Em Brasília, o problema fundiário, a irregularidade e a grilagem confundem-se com a história da cidade.

Nesse contexto aparece a relevância do Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília, o tão falado PPCUB, mais uma das muitas siglas que precisamos aprender no dia a dia da capital da República. Um instrumento regulatório que reúne todo o regramento de ordenação urbanística e de preservação da cidade. Inclui instrumentos de proteção do patrimônio, normas de uso e ocupação do solo e estabelece planos, programas e projetos específicos para desenvolver, qualificar, modernizar e atingir a complementação desejável e sustentável desse conjunto urbano.

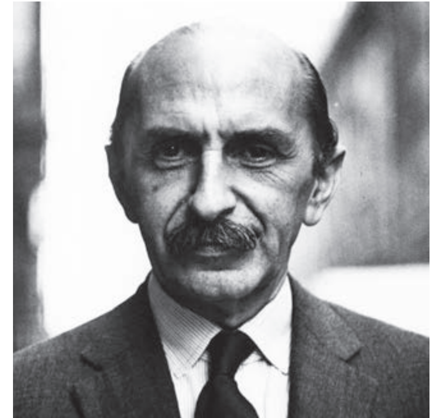
O PPCUB deveria servir para a preservação das áreas verdes, dos espaços comunitários, da preparação da cidade aos extremos climáticos que já são realidade e da garantia do direito à cidade, dentre outros. Infelizmente, na peça (PLC 41/2024) enviada à Câmara Legislativa Distrital pelo governador Ibaneis Rocha (MDB) parece que foi priorizado apenas o “Plano”. O PPCUB do governo Ibaneis não é um plano de preservação, mas um grande plano de negócios, destinado, sobretudo, à avidez da especulação imobiliária.

A cada leitura do PLC detectavam-se problemas gravíssimos, como a ausência de um capítulo destinado ao disciplinamento de instrumentos de preservação, o que, a nosso ver, deveria ser o objetivo primordial. Mudanças no zoneamento de áreas públicas para o interesse privado, regularização de ilegalidades, alteração no gabarito de edifícios, retirada de atribuições fiscalizatórias do Poder Legislativo. Para nosso espanto e ao arrepio da Lei Orgânica do DF, a minuta previa projetos futuros para o conjunto urbanístico tombado a ser aprovados por meio de decretos, ou seja, sem passar por uma avaliação da Câmara Legislativa e, por conseguinte, pelo crivo da sociedade e das entidades de defesa do patrimônio. Tais “projetos futuros” são verdadeiros cheques em branco, entregues de bandeja à iniciativa privada, e podem estabelecer alterações substanciais no traçado urbanístico, avançando, inclusive, sobre as áreas verdes que compõem a nossa Escala Bucólica.

> **As características singulares da cidade estão ameaçadas**

Mesmo com todos os problemas, apresentamos uma série de emendas ao texto no sentido de contribuir e garantir minimamente a proteção do patrimônio que





Demolição. Os ideais coletivistas do projeto de Lucio Costa são novamente solapados. E, mais uma vez, a população ficou à margem da discussão

ACERVO CASA DA ARQUITECTURA/PORTUGAL E ISTOCKPHOTO

não é só de Brasília e do Brasil, mas da humanidade. Mas a pressa no andamento dos ritos, sob escrutínio rigoroso de atores que manifestam dissabor em aceitar a independência dos poderes, faz pensar naquela frase brilhantemente cunhada por Caetano Veloso – a "força da grana que ergue e destrói coisas belas". Toda a disposição para contribuir e todos os apelos por mais tempo para debater e para submeter a minuta do PPCUB a uma avaliação da Unesco, previamente à votação da matéria, não foram suficientes para frear o "tratoraço" patrocinado pelo governador Ibaneis Rocha.

O texto aprovado sugere aberrações como o crescimento do gabarito de edifícios sem estudos em torno do impacto ambiental que tal intervenção poderia promover, a permissão do aumento de altura dos hotéis situados na esplanada da Torre de TV, de 3 para 12 andares, a previsão de implantação de motéis e alojamentos nas quadras 900 Sul e Norte, em áreas originalmente destinadas a estabelecimentos de educação e saúde, a entrega de áreas verdes remanescentes à Terracap, abrindo caminho para a extinção de nossa Escala Bucólica, a possibilidade de instalação de indústrias de pequeno porte nas margens do Lago Paranoá, a possibilidade de habitações de alto padrão ao lado do Palácio do Jaburu. Até o encantador céu de Brasília está ameaçado com futuras intervenções.

Não resta dúvida: as características originais de Brasília, únicas no mundo, correm risco de graves descaracterizações, autorizadas, para nosso horror e espanto, pelo Plano que deveria prever a sua preservação. Caso isso aconteça, nossa cidade provavelmente entrará na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo e, se nada for feito, perderá o título que tanto nos orgulha e nos distingue perante o mundo, não só pela excelência do urbanismo e da arquitetura, mas por se configurar em um ambiente urbano preparado para as mudanças climáticas, graças aos generosos espaços verdes e permeáveis que garantem o controle da temperatura local, dos ventos e das chuvas, assim como a recarga dos aquíferos.

Mesmo assim, enquanto "dormia a nossa pátria mãe tão distraída, sem perceber que era subtraída em tenebrosas transações", em 19 de junho, mesmo dia do aniversário de 80 anos do nosso eterno Chico Buarque, com 18 votos favoráveis e 6 contrários, a Câmara Legislativa do DF aprovou o PPCUB.

O conceito de Patrimônio Cultural da Humanidade traduz o entendimento de que sua aplicação é universal. Os sítios do Patrimônio Mundial pertencem a todos os povos do mundo, independentemente do território em que estejam localizados. Esse é o princípio basilar que deveria orientar o PPCUB.

O projeto que vai à sanção do governador ainda está em disputa. A mobilização de amplos setores da sociedade em defesa de Brasília e a provocação judicial para barrar inconstitucionalidades serão instrumentos utilizados na luta pela suspensão dos efeitos desse PPCUB e por uma cidade democrática, pois foi essa a energia que formou esta cidade, em tempo recorde, em condições tão adversas. O esforço das gerações em construir esse patrimônio não pode ser em vão. Brasília não está à venda. •

**Deputado distrital (PT-DF).*



Economia

Mentalidade predatória

AQUECIMENTO GLOBAL O despreparo dos agricultores e economistas amplia o alcance da crise climática

POR CARLOS DRUMMOND





A projeção do Ministério da Fazenda de que o Plano de Transformação Ecológica, associado a reformas estruturais, pode dobrar o PIB em duas décadas, sugere uma possibilidade promissora, mas não há como antever em que medida o projeto dará conta de um dos maiores empecilhos na adaptação da economia à mudança climática: a transformação da mentalidade predominante. "A gente vive uma situação na agricultura bastante complicada, estamos no meio mais conservador do Brasil. Um trabalho recente da UFMG mostra um resultado escandaloso: 40% dos agricultores brasileiros não acreditam na mudança climática. Eles respondem por 25% do PIB e acham que não está acontecendo nada", destacou Eduardo Assad, pesquisador de alterações do clima durante 35 anos na Embrapa e atual pesquisador do Observatório de Bioeconomia da FGV, durante a Primeira Conferência Nacional de Mudanças Climáticas, realizada no fim do mês passado. "Algumas coisas estão mudando, mas muito pouco em relação ao tamanho do problema."

A insuficiência do avanço para deter o cataclismo alimenta um ceticismo até entre os cientistas, aponta pesquisa recente do jornal inglês *The Guardian*. Quase 80% dos principais especialistas climáticos do mundo preveem pelo menos 2,5 graus centígrados de aquecimento global, enquanto quase metade prevê ao menos 3 graus e apenas 6% consideraram que o limite de 1,5 grau pactuado no Acordo de Paris será cumprido, o que terá consequências catastróficas para a humanidade e para o planeta. Muitos dos cientistas, relata o *Guardian*, preveem um futuro "semidistópico", com fome, conflitos e migrações em massa, impulsionados por ondas de calor, incêndios florestais, inundações e tempestades com uma intensidade e frequência muito superiores às que já ocorreram.

Somente 6% dos cientistas acreditam que o limite de 1,5ºC pactuado no Acordo de Paris será cumprido

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 38



Especulação cambial. No mercado do dólar, o futuro repete o passado





Sinais. O Cerrado brasileiro enfrenta a maior seca em 700 anos. A "soja louca" é fruto da degradação do solo amazônico

PABLO PORCIUNCULA/AFP E REDES SOCIAIS

Além da incompreensão de agricultores e do ceticismo de cientistas, há o desafio de transformar o modo convencional de os economistas encararem as suas próprias tarefas, conforme apontou na Conferência a presidente do Ipea, Luciana Serva. Em sua maioria, eles costumam olhar para insumos e produtos, em um modelo de produção no qual o que interessa é o resultado, medido por meio de indicadores macroeconômicos como o Produto Interno Bruto, entre outros. "O grande desafio, quando se sai de uma visão macroeconômica tradicional, é não olhar isso só como insumo, mas também como oportunidade, com um modelo de adaptação que, de modo muito sério e honesto, não encare esses potenciais de água, floresta e biodiversidade só como insumo a ser explorado", sublinha. Esse enfoque, acrescenta Serva, permitirá aproveitar as oportunidades "de modo muito mais inteligente do que nos nossos últimos planos de desenvolvimento, quaisquer que sejam eles".

A mudança no modo de encarar a economia implica, em grande medida, questionar a situação de anexação da natureza pelo capital e sua transformação em recurso apropriado de forma gratuita ou barata, sem reparação ou reposição, na suposição tácita de que a natureza é capaz de autorrestauração infinita, observa a cientista política Nancy Fraser, professora da New School for Social Research, de Nova York, em seu livro *Capitalismo Canibal* (Autonomia Literária).

Várias incompreensões e inúmeros equívocos atrapalham o conhecimento necessário ao enfrentamento da emer-



Cafezais. Com mais gás carbônico na atmosfera e menos água no solo, a tendência é de queda na produção

ARQUIVO/GOVRS E ISTOCKPHOTO

gência climática. Muitos acreditam que a insuficiência crescente de água para a agricultura, devido à alteração no regime de chuvas, em si um resultado das mudanças climáticas, poderá ser resolvida com irrigação, o que é um enorme engano. Apenas 7 milhões de hectares, dentre os 80 milhões de hectares de terras agricultáveis no País, são irrigáveis, ao custo de 2 mil dólares por hectare. O cultivo da soja, carro-chefe da economia brasileira, utiliza 50% da terra agricultável e depende visceralmente do clima, alerta Assad. Haverá um problema sério de perda de produtividade na agricultura, acrescenta.

Alega-se que a perda de produtividade prevista não deve ser problema, porque a soja transita pouco para chegar nos portos de embarque, mas a questão é mais complicada. Assad, Erick Fernandes, do Banco Mundial, e Hilton Silveira Pinto, da Universidade de Campinas, calcularam que as terras cultiváveis, que deveriam aumentar para 17 milhões de hectares em 2030, comparadas àquelas observadas em 2009, podem ser reduzidas a apenas 10,6 milhões de hectares, como resultado das mudanças climáticas. A Região Sul será, segundo os pesquisadores, a mais afetada, e corre o risco de perder quase 5 milhões de hectares em 2030. Uma tragédia adicional, cabe anotar, àquela provocada neste ano pelas enchentes no Rio Grande do Sul.

"Em partes da Amazônia plantaram bois, isto é, capim para alimentar gado, e o legado foi o solo extremamente degradado. Toda a capacidade da planta de produzir fotossíntese ficou guardada no solo", ressalta Lucieta Guerreiro Martorano, engenheira agrônoma e meteorologista da Embrapa. O resultado foi o acúmulo de água no solo, em quantidades excessivas para o cultivo da soja que substituiu os pastos. Nessas condições surgiu o problema da "soja louca", doença que causa afilamento e enrugamento das folhas e engrossamento de nervuras da planta e reduz a produtividade. Dados da Embrapa revelam que, em regiões mais quentes e chuvosas, em especial nos estados de Mato Grosso, Pará, Amapá e Tocantins, a doença pode comprometer até 100% da produtividade das plantações.

Ensaios feitos no Instituto de Pesquisas Ambientais de São Paulo, em câmaras que simulam o clima das próximas déca-

das, com mais gás carbônico na atmosfera e menos água no solo, em comparação com os teores atuais, apontam a tendência de o café produzido no Brasil ser mais amargo, ácido e adstringente dentro de dez a 20 anos, divulgou a revista *Pesquisa Fapesp*. Simulações de pesquisadores da Universidade Federal de Itajubá, em Minas Gerais, indicam a possibilidade de entre 35% e 75% das terras hoje ocupadas por cafezais se tornarem impróprias, em consequência das alterações no clima, até o fim do século. Estudos da Unicamp mostram que as áreas dos cafezais no País podem ficar restritas às mais altas do Sudeste.

Ameaçadora para o conjunto da economia mundial, a crise climática será ainda pior para a América Latina, alerta um estudo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, órgão da ONU. Responsável por menos de 10% das emissões mundiais, o continente é "extremamente vulnerável" ao impacto das mudanças no clima, aponta a Cepal. Há uma "dupla iniquidade", sublinham os autores do trabalho, pois as camadas econômicas de renda mais alta no continente são responsáveis pela maior parte das emissões, enquanto as camadas baixas contribuem em menor medida para gerar emissões de gás carbônico, mas são as mais vulneráveis aos seus efeitos, por habitarem regiões mais expostas aos eventos extremos e disporem de menos recursos para se adaptar às transformações.

O cultivo da soja utiliza 50% da terra agricultável e depende do clima visceralmente

A mesma parcela de menor renda, prossegue o trabalho, quando recebe melhor remuneração, gasta uma parte maior do seu orçamento em combustíveis e outros bens e serviços que paulatinamente vêm sendo privatizados, como a educação e a saúde. Essa transição dos serviços públicos para os serviços privados de transporte, saúde, educação, segurança e espaços de convivência acentua um modelo de desenvolvimento que tende a uma maior segmentação social e dificulta o cumprimento das metas climáticas.



Até 2030. A região Sul corre o risco de perder 5 milhões de hectares cultiváveis

Para boa parte das pessoas, frisa a presidente do Ipea, os problemas ambientais de degradação da paisagem, desertificação, perda de biodiversidade, conflitos por terra e água, má distribuição de água para abastecimento humano, intenso quadro de poluição de praias, aumento do risco de desastres naturais devido à ocorrência de fortes chuvas e secas localizadas não são novidade. Mas, para os economistas, de forma geral, isso não é considerado essencial, pois não tem a centralidade que deveria ter na pauta econômica mundial. Esse é o grande desafio também para as políticas públicas, sublinha Serva, e para as gestões de recursos, de diversidade, do solo, políticas para adaptação e mitigação, assim como para as políticas gerais, urbanas, federativas, macroeconômicas, sociais e aquelas relativas aos setores econômicos, notadamente macroeconômicos.

"Se boa parte do nosso problema de emissões está relacionada ao uso do solo e à agricultura, temos de atuar nesses dois grandes segmentos, que dentro do Congresso são, hoje, muito fortes. Qualquer iniciativa de regulação, seja em nível do Congresso, seja no âmbito das Assembleias Legislativas, ou das políticas locais, que também definem o uso do solo, e como é que se vai fazer sua exploração econômica, passa a ser uma área em que temos de atuar formando uma evidência qualificada, inclusive em termos políticos, para informar a discussão", resume a presidente do Ipea.

A cada dia são divulgadas novas evidências da emergência climática. Na terça-feira 2, um estudo elaborado pela USP apontou que a seca do Cerrado brasileiro é a maior em mais de 700 anos. •

O museu de grandes novidades

DERIVATIVOS No mercado do dólar, o futuro repete o passado

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO E MANFRED BACK

Todo santo dia, gestores, *heads* de tesourarias e economistas-chefes encontram-se na hora do almoço no restaurante Margem de Garantia, na confraria Milton Friedman, afinal não tem almoço grátis! Ao fundo toca *O Tempo Não Para*, de Cazuza. Numa dessas mesas, o garçom traz o menu, o prato do dia é onde vamos ganhar dinheiro hoje? Supervariado, cobre, soja, petróleo, ouro, minério de ferro, dólar, juros, ações.... e aí a sobremesa incluída, um terminal *online* para comprar e vender, na linguagem deles "treidar"!

Prato principal do dia: dólar futuro. Um estagiário levado à confraria indagou: desculpe, o que vem nesse prato?

O garçom, com sua certificação de consultor de investimento, respondeu:

— Cinco contratos de dólar futuro, o mínimo exigido pela B3, cada um tem valor de 50 mil dólares.

O estagiário não entendeu, mas é dólar, as verdinhas?

— Não, prezado cliente, é uma promessa futura de dólar, você compra ou vende apenas o direito do preço futuro do dólar, em reais. Num prazo determinado, você escolhe, a cada fim de mês vence o contrato, quem acertou recebe a diferença em reais, quem errou, paga. Tudo perfeito e garantido pela Bolsa, quem perde paga para quem ganha, em reais.

O estagiário comentou: então é uma aposta?

— O garçom-consultor: prezado cliente, é sempre uma aposta, e veja, total liberdade de escolha, a qualquer hora e momento, a maior invenção financeira, o capital fictício-mor dos ativos financeiros! Sábado e domingo, o cardápio é mais sofisticado, temos *hedge* e *swap* para todos os gostos, chamamos de rodízio de operações estruturadas! Só para gente *top* do mercado!

— Permite um aparte?

— Claro!

— Nos fins de semana, não aceitamos economistas.

— Por quê?, retrucou o estagiário.

— Porque eles não entendem de derivativos, não sabem para que servem, acham que é um menu de segunda, sem importância na saudável dieta da política econômica. Já tentamos explicar, como hoje, mas não entendem! Os modelos que usam não têm dinheiro nem mercado futuro, acredita?

— Acredito! *Yes, we can!*

— Explicamos, várias vezes, que o volume mundial negociado de derivativos é de cerca de oito a dez vezes maior que o PIB global. E que o preço da soja pode subir ou cair independentemente da demanda do mercado, basta a turma aqui no restaurante decidir que vamos apostar na soja... Os economistas retrucam, mas isso é irracional. Respondemos: é a realidade, o futuro comanda o presente! Eles ficam crédulos, ficam falando dos livros, de financeirização, anomalias do sistema etc., estão fora do menu principal! Veja, até um estagiário de tesouraria entende, não é?, que o que importa é ganhar dinheiro...

Em 8 de março de 1896, Machado de Assis apresenta em sua crônica de *A Semana* os malabarismos do câmbio:

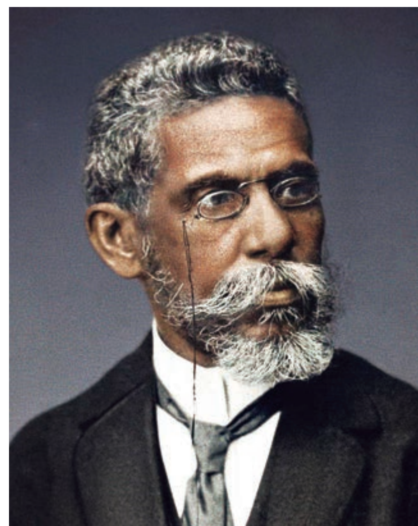
"O mal do câmbio parece-se um pouco com o da febre amarela, mas, para a febre amarela, a Magnésia Fluida de Murray, que até agora só curava dor de cabeça e indigestões, é específico provado neste verão, segundo leio impresso em grande placa de ferro. Que magnésia há contra o câmbio? Que Murray já descobriu o modo certo de acabar com a decadência progressiva do nosso triste dinheiro e com as fomes que aí vêm, e os meios luxos, os quartos de luxo, e outras consequências melancólicas deste mal?"

"Um economista apareceu esta semana lastimando a sucessiva queda do câmbio e acusando por ela o ministro da Fazenda. Não lhe contesta a inteligência, nem a probidade, nem o zelo, mas lhe nega o tino e, em prova disso, pergunta-lhe à queima-roupa: "Por que não vende a estrada de ferro Central do Brasil?" A pergunta é tal que nem dá tempo ao ministro para responder que, em primeiro lugar, tais matérias dependem de estudo e, em segundo lugar, que cabe ao

O amor ao dinheiro como posse será reconhecido por aquilo que é, uma paixão mórbida, repulsiva



Câmbio. Conforme intuiu Machado de Assis, é sempre uma aposta, com total liberdade de escolha, a qualquer hora e momento, a maior invenção financeira



NELSON ALMEIDA/AFP E ACERVO FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL/RJ

Congresso Nacional resolver por último.

"Felizmente, não é esse o único remédio lembrado pelo dito economista. Há outro, e porventura mais certo: é auxiliar a venda da Leopoldina e suas estradas. Desde que auxilie essa venda, o ministro mostrará que não lhe falta tino administrativo. Infelizmente, porém, se o segundo remédio pode consertar as finanças federais, não faz a mesma coisa às do estado do Rio de Janeiro, tanto que este, em vez de auxiliar a venda das estradas da Leopoldina, trata de a comprar para si. Cumpre advertir que a eficácia desse outro remédio não está na riqueza da Leopoldina, porquanto sobre este ponto duas opiniões se manifestaram na Assembleia fluminense. Uns dizem que a companhia deve vinte e dois mil contos ao Banco do Brasil e está em demanda com o Hipotecário, que lhe pede seis mil. Outros não dizem nada. Entre essas duas opiniões, a escolha é difícil."

Prosseguimos com Machado de Assis, invocando sua crônica de *A Semana* de 23 de agosto de 1896:

"Vinha eu de um banco, aonde fora saber notícias do câmbio. Não tenho relações diretas com o câmbio; não saco sobre Londres, nem sobre qualquer outro ponto da terra, que é assaz vasta, e eu demasiado pequeno. Mas tudo o que compro caro dizem-me que é culpa do câmbio. 'Que quer o senhor que eu faça com este câmbio a 9?', perguntam-me. Em vão leio os jornais; o câmbio não sobe de 9. O que faz é variar; ora é 9 1/8, ora 9 1/4, ora 9 3/8. Dorme-se com ele a 9 15/16, acorda-se a 9 3/4. Ao meio-dia está a 9 1/2. Um eterno vaivém na mesma eterna casa. Sucedeu o que se dá com tudo; habituei-me a esta triste especulação de 9, e dei de mão a todas as esperanças de ver o câmbio a 10.3".

— Entendo, opero todo dia!

Em seu artigo "Perspectivas Econômicas de Nossos Netos", Keynes também entendia:

"Precisamos ter a coragem de atribuir à motivação 'dinheiro' o seu verdadeiro valor. O amor ao dinheiro como posse, e distinto do amor ao dinheiro como meio para desfrutar os prazeres da vida, será reconhecido por aquilo que é: uma paixão mórbida, um pouco repulsiva, uma daquelas tendências meio criminais e meio patológicas que geralmente são transmitidas com um calafrio ao especialista de doenças mentais". •



Ele não larga o osso

EUA Joe Biden resiste à pressão e recusa-se, por ora, a abandonar a disputa presidencial, para desespero dos democratas

POR CLARISSA CARVALHAES, DE NOVA YORK

O desempenho humilhante de Joe Biden no primeiro debate da campanha presidencial, organizado pela CNN, tornou incontornáveis duas perguntas que há muito se instalaram na cabeça dos eleitores, políticos, doadores e estrategistas: não está na hora de o atual presidente jogar a toalha e admitir a falta de condições físicas e cognitivas para concorrer à reeleição? Se a resposta for sim, quem poderia substituí-lo à altura e impedir o retorno de Donald Trump à Casa Branca?

Na terça-feira 2, uma pesquisa encomendada pela própria CNN, conduzida pela SSRS, revelou: os eleitores estariam mais propensos a apoiar um candidato democrata alternativo contra Trump do que a escolher Biden. O nome que melhor atende às expectativas, segundo o levantamento, é o de Kamala Harris. Uma disputa entre Trump e Biden, aponta a sondagem, daria hoje ao republicano uma vitória por 6 pontos porcentuais, 49% a 43%. Mas, se o republicano enfrentasse a vice-presidente, as chances de os democratas manterem o controle da Casa Branca aumentariam significativamente. Em um confronto hipotético, 47% dos eleitores ouvidos na pesquisa apoiam Trump e 45%, Harris. Empate técnico. Nenhum outro nome do Partido Democrata testado na pesquisa consegue um desempenho semelhante. Gavin Newsom, o celebrado governador da Califórnia, perderia por 48% a 43%. Pete Buttigieg, secretário de Transportes, seria derrotado por 47% a 43%, enquanto Gretchen Whitmer, governadora do Michigan, não passaria de 42%, contra 47% do ex-presidente.

A pesquisa revela ainda que o desempenho mais forte da vice-presidente contra Trump sustenta-se, sobretudo, no apoio das mulheres – 50% das eleitoras apoiariam Harris em vez do republicano, enquanto Biden ficaria na casa dos 44%. Na verdade, em todos os grupos demográficos, Harris supera Biden: entre os jovens, os independentes e os eleitores não brancos. A única exceção é entre os homens, mas nessa categoria Biden também não venceria Trump.

Ainda assim, até o fechamento desta edição, na quinta-feira 4, o democrata mostrava-se irredutível. Sua decisão de permanecer na campanha, anunciada depois de uma reunião familiar, recebeu o apoio de Harris, que refutou as declarações do deputado Lloyd Doggett, do Texas, primeiro democrata a pedir publicamente a Biden para desistir da candidatura. Em entrevista à rede de televisão CBS News na terça-feira 2, a vice-presidente reiterou que seu parceiro de chapa e de governo é o indicado do partido. "Nós vencemos Trump uma vez e vamos vencê-lo de novo, ponto final." Sobre se estava pronta para liderar o país caso necessário, esquivou-se e disse apenas estar "orgulhosa de ser companheira de chapa" de Biden.

Não foi a única liderança do partido a corroborar a decisão do atual presidente. Na rede social X, Barack Obama tentou acalmar os ânimos de quem entrou em pânico após o debate desastroso. "Noites de debate ruins acontecem. Confie em mim, eu sei. Mas esta eleição ainda é uma escolha entre alguém que lutou pela gente comum durante toda a sua vida e alguém que só se preocupa consigo mesmo. Entre alguém que fala a verdade, que distingue o certo do errado e o dirá diretamente ao povo americano – e alguém que mente descaradamente para seu próprio benefício. Por isso há tanta coisa em jogo em novembro." Obama manifestou-se após os mais influentes meios de comunicação dos Estados Unidos pedirem a Biden que desistisse e desse lugar a outro democrata capaz de enfrentar – e quem sabe derrotar – Trump em novembro. No dia seguinte ao debate, *The New York Times*,

A maioria dos eleitores preferiria votar em um nome alternativo

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →



pág. 42

The Observer. O provável governo trabalhista terá trabalho para reconectar o Reino Unido à UE

Um Biden catatônico fez a festa de Trump no debate

ANDREW CABALLERO-REYNOLDS/AFP

em editorial, conclamou, sem rodeios, o democrata a servir ao país por meio da renúncia à candidatura. *The New Yorker, The Economist, The Washington Post* e *The Wall Street Journal* fizeram apelos semelhantes.

Figura em ascensão no partido, Newsom, como Harris, rejeitou a hipótese de retirar o apoio a Biden ou de tentar convencê-lo a desistir. Em entrevista à rede MSNBC, o governador da Califórnia afirmou ser "inútil e desnecessário" entrar em pânico por causa do desempenho do presidente durante um único debate. "Temos de manter a cabeça erguida e defender nosso presidente, e não lhe virar as costas por causa de uma performance. Que tipo de partido faz isso? Ele nos deu uma *master class* de 15,6 milhões de empregos. Isso é oito vezes mais do que os últimos três presidentes republicanos combinados. A única coisa que os últimos três presidentes republicanos têm em comum são as recessões. Os democratas entregam. Este presidente entregou. E precisamos entregar por ele neste momento. Com todo o respeito, quanto mais tempo começarmos a ter essas conversas é inútil para a nossa democracia, para o destino e o futuro deste país e do mundo. Eles precisam de nós."

O tema que tira o sono do democrata tem, no entanto, sido debatido há tempos por muita gente. Em setembro de 2023, o senador republicano Mitt Romney, de Utah, anunciou que não buscaria a reeleição para abrir caminho a uma "nova geração". À época, Romney sugeriu tanto a Trump quanto a Biden que seguissem seu exemplo. "Francamente, é hora de uma nova geração de líderes. Eles são os que precisam tomar as decisões que moldarão o mundo em que viverão", afirmou durante coletiva à imprensa. Em 2020, durante a campanha presidencial e diante de Kamala Harris, ainda senadora, e de Gretchen Whitmer, governadora de Michigan, Biden autodefiniu-se como uma "ponte" para futuros líderes democratas. "Olha, eu me vejo como uma ponte, não como qualquer outra coisa. Há uma geração inteira de líderes que você viu me apoiando. Eles são o futuro deste país."

O candidato do Partido Democrata será ungido oficialmente na Convenção Nacional da legenda em Chicago, entre 19 e 22 de agosto. Em tese, ainda há tempo para Biden encarar a realidade. •

Os ilhados

TheObserver Cabe ao trabalhista Keir Starmer reaproximar o Reino Unido da União Europeia

POR TOBY HELM E JENNIFER RANKIN, DE BRUXELAS

Com uma das mãos erguida a acenar para a multidão, um Tony Blair radiante pedalou pelas ruas de Amsterdã à frente das grandes feras do projeto europeu. Foi sua primeira cúpula europeia completa como primeiro-ministro, em junho de 1997. Em toda a UE havia a sensação de que a chegada de Blair seria um ponto de inflexão não apenas para o Reino Unido, mas também para o bloco como um todo. Uma agência de notícias italiana saudou o novo primeiro-ministro britânico como "Tony Blair *superstar*".

O primeiro-ministro pró-europeu tinha acabado de chegar a Downing Street com uma vitória esmagadora que encerrou 18 anos de governo conservador, e a excitação era palpável. A Europa poderia finalmente levar adiante as ambições de união política e monetária sem ser contida pelos britânicos recalcitrantes. Tanta atenção foi dada a Blair que os gigantes da integração europeia à época, o chanceler alemão Helmut Kohl e o presidente francês Jacques Chirac, teriam se sentido excluídos, particularmente quando o novato começou a ocupar o primeiro lugar numa corrida de bicicletas para chefes de governo, resultando em manchetes como "Blair assume a liderança na Europa".

Vinte e sete anos depois, Keir Starmer será, com toda a probabilidade, o primeiro-ministro a receber chefes de governo de mais de 40 nações europeias no Palácio de Blenheim em 18 de julho, como líder do país do Brexit. Parte do desafio de Starmer, como anfitrião no encontro da nova Comunidade Política Europeia, vai ser começar a reconstruir laços e amizades destruídos pela saída traumática do Reino Unido da União Europeia após o referendo de 2016. A CPE foi criada em 2022 pelo presidente francês, Emmanuel Macron, depois da invasão da Ucrânia pela Rússia, para discutir grandes desafios estratégicos. No magnífico ambiente da casa da família Churchill haverá, no entanto, um assunto na mente de todos. "Será realmente um grande momento", disse um antigo ministro das Relações Exteriores do Reino Unido. "Isso dará o tom para uma nova abordagem do Reino Unido à Europa após o Brexit."



Passado. O novato Blair passeia de bicicleta por Amsterdã

As questões que dominaram grande parte da política britânica durante quase uma década – a saída do Reino Unido da UE, seu acordo pós-divórcio e como reparar os danos – estiveram quase totalmente fora da atual campanha para as eleições gerais. O fato de o Brexit ter dividido os principais partidos e seus apoiadores, e depois não ter gerado os benefícios que a campanha pela saída prometia para a economia e o controle da imigração, convenceu os líderes dos principais partidos britânicos de que, em termos de campanha, seria um assunto muito polêmico para ser abordado em público.

Para Starmer, diante da provável vitória nas eleições da quinta-feira 4, tudo isso está prestes a mudar. O voto de silêncio não durará muito além do dia da votação. Estrategicamente, com a perspectiva de Donald Trump regressar à Casa Branca em janeiro, os conflitos contínuos no Oriente Médio e na Ucrânia e o crescente estatuto de superpotência da China, a fu-



REDES SOCIAIS/PARTIDO TRABALHISTA E COR MULDER/ANP/AFP

Favorito. Starmer vai liderar o Partido Trabalhista na volta ao governo após uma década e meia desastrosa dos *tories* no poder

tura relação do Reino Unido com a UE ocupará um lugar central. Economicamente, também será crítico melhorar os laços comerciais com o continente, tão duramente atingidos pelo Brexit. Um governo Starmer precisará desesperadamente, de alguma forma, impulsionar o crescimento econômico em casa para cumprir a promessa de reconstruir o país e os serviços públicos, com as finanças públicas tão apertadas.

O líder trabalhista, consciente de não ser considerado alguém que se sobrepõe à vontade do povo, promete não tentar o retorno ao mercado único ou à união aduaneira. Muitos economistas dizem, porém, que ele terá dificuldades para maximizar o crescimento, sua prioridade número 1, e reanimar as exportações sem melhorar o acesso ao enorme mercado europeu à sua porta. Então, como o primeiro-ministro Starmer executará essa dança diplomática tão delicada, mas vital, e redefinirá o relacionamento?

Uma coisa é certa. O novo primeiro-ministro trabalhista será, como Blair, recebido de braços abertos, como uma espécie de herói conquistador. "Os líderes políticos são estudantes do poder: como adquiri-lo, como mantê-lo", descreve Kim Darroch, embaixador britânico nos Estados Unidos de 2016 a 2019 e, anteriormente, representante permanente do Reino Unido na UE em Bruxelas por quatro anos, a partir de 2007. "Se Starmer vencer com folga, com a maioria de mais de 200 votos, como sugerem algumas pesquisas de opinião recentes, ele se verá pressionado nas duas cúpulas que se seguem à eleição no Reino Unido, a cúpula da Otan em Washington, de 9 a 11 de julho, e a Comunidade Política Europeia."

> Para cumprir a promessa de crescimento, o novo governo depende do mercado continental

Diplomatas esperam um anúncio antecipado sobre cooperação em defesa e segurança entre o Reino Unido e a UE nas primeiras semanas de um governo Starmer, possivelmente em Blenheim. O

Partido Trabalhista também externou a intenção de buscar um novo acordo veterinário para facilitar o comércio de produtos degradáveis em ambas as direções. Poderá ainda haver discussões sobre acordos de mobilidade juvenil e vistos para artistas. Mas os líderes da UE, embora muito amistosos, não apoiarão qualquer coisa que um governo trabalhista sob Starmer queira, no rastro luminoso de sua vitória.

Os líderes da UE, diz Darroch, veem o Brexit como uma grande razão para a implosão dos conservadores, e as cicatrizes da batalha permanecem. Ele espera que digam a Starmer: "Gostamos mais de você do que do outro grupo. Mas o Brexit está feito. Estamos totalmente felizes com os arranjos pós-Brexit, que nos servem bem. E seguimos em frente, temos outros desafios a enfrentar." Em outras palavras, não pense que depois de fazer todo mundo, inclusive vocês mesmos, passar por tanta dor, vocês podem simplesmente "escolher a dedo" o caminho de volta, à vontade. Peter Ricketts, ex-embaixador do Reino Unido em Paris, concorda: "Nas áreas de segurança e defesa do relacionamento, poderia haver uma melhora bastante rápida nas relações, e laços de trabalho mais estreitos". Mas, acrescenta, "nas áreas baseadas em tratados e na regulamentação, o progresso será lento". Para Charles Grant, diretor do Centro para a Reforma Europeia, a UE cobrará seu preço pela reconstrução de laços que vão além da cooperação em segurança e defesa. "A União Europeia acredita em negociações e compromissos, que um governo Starmer terá de aceitar se quiser melhorar a relação."

Na verdade, a esta altura, quase ninguém em Bruxelas fala sobre o Brexit. Haverá grande interesse pelas eleições no Reino Unido e pela deposição dos Conservadores, mas as autoridades da UE hoje brincam que têm pouco a fazer. O bloco está mais preocupado com a turbulência geopolítica, sobretudo com a guerra brutal e opressiva na Ucrânia, com o possível



regresso de Donald Trump à Casa Branca, com as tensões crescentes com a China e com o desastre humanitário em Gaza. Depois há a política interna do bloco, após as eleições para o Parlamento Europeu, que registraram grandes avanços da extrema-direita na França e na Alemanha.

Alguns na UE estão ansiosos para que o cenário mude. O influente grupo de pensadores alemão Bertelsmann Stiftung pede uma reaproximação entre a UE e o Reino Unido muito além da relação "limitada e insatisfatória" definida no acordo de comércio e cooperação assinado com o governo de Boris Johnson. "Acreditamos que, se olharmos para a agenda da UE, existem muitos incentivos e razões reais para restabelecer a ligação com o Reino Unido de uma maneira que é do interesse da UE, crucialmente", defendeu Jake Benford, coautor de um relatório da Fundação Bertelsmann. Foi, acrescentou, uma "situação absurda", na qual os dois lados têm "muito pouco espaço para conversar". Contudo, muitos diplomatas da UE em Bruxelas estão longe de se mostrar convencidos. "Não creio que haja nada novo que possamos fazer que ainda não tenhamos discutido", disse um deles.

O Brexit, por si só, fez a UE reforçar as próprias defesas. Durante o processo amargo, a União Europeia traçou linhas vermelhas, centradas na ideia de que nenhum país fora do bloco poderia desfrutar dos mesmos benefícios que um Estado membro. Altos diplomatas dizem que esses fundamentos permanecem inalterados. Um novo governo trabalhista teria muito trabalho de persuasão, se procurasse laços mais estreitos com o mercado único sem ser integrante e sem con-



Mágoas. Os britânicos decidiram sair da UE. Agora terão de penar para reatar relações com Bruxelas

A Europa tem novos desafios, da guerra na Ucrânia à possível vitória de Trump nos EUA

tribuir para o orçamento da UE ou aceitar regras de liberdade de circulação em termos de imigração. "É como pegar um ouriço. Se o tocamos, ele se coloca numa posição defensiva", comparou um diplomata ao descrever a resposta da UE ao repensar a relação com o Reino Unido. "Ninguém falará publicamente sobre uma reaproximação com o Reino Unido, a menos que o Reino Unido comece."

Este é o desafio de Starmer. Ele fez do crescimento econômico o ponto central de um governo trabalhista de primeiro mandato. Sua ambição é atingir o maior crescimento econômico no G7. Mas o Departamento de Responsabilidade Orçamentária disse repetidamente que o Brexit, e estar fora do mercado único e da união aduaneira, significa um impacto de 4% no PIB do Reino Unido. Em outras palavras, você não pode maximizar o crescimento fora das estruturas econômicas da UE. Um relatório do grupo de estudos UK in a Changing Europe destacou o mesmo problema. "Sendo o crescimento econômico uma prioridade, a fonte mais óbvia de crescimento terá sido excluída do manifesto", descreve o texto. "Quaisquer ganhos provenientes de melhoras técnicas serão relativamente mínimos: úteis na redução de atritos comerciais, mas não suficientes para realmente enfrentar os impactos econômicos contínuos do Brexit."

Outro diplomata sênior disse haver poucas perspectivas de grandes mudanças na relação econômica do Reino Unido com a UE no primeiro mandato de Starmer. Mesmo depois disso, dependeria da boa vontade do continente. Darroch acrescenta: "Essa automutilação pode ser tolerada em longo prazo? Poderíamos ficar fora da UE, mas reentrar no mercado único ao nos juntarmos à Noruega na Área Econômica Europeia. Mas isso significaria aceitar a livre circulação e contribuir para o orçamento da UE. Tudo é muito difícil, e parecendo o epítome de uma questão para o segundo mandato".

Grant disse que pode ser que apenas a indesejável escalada da instabilidade geopolítica volte a unir o Reino Unido e a UE. "A diferença em relação a 1997 é que o Reino Unido está agora bem abaixo na lista de prioridades da União Europeia", disse Grant. "O conhecimento e o interesse pela Grã-Bretanha são mínimos. Quanto mais desagradável for o contexto geopolítico, com Putin e Trump ameaçando a Europa, maior será, no entanto, a probabilidade de os líderes moderados da UE tentarem recrutar Starmer como aliado."

Pensar que o Reino Unido pode simplesmente optar por voltar a aderir, sob Starmer e o Partido Trabalhista, como e quando quiser, parece tão irreal quanto a esperança que brilhou em 1997. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.



GABOR KOVACS/UNIÃO EUROPÉIA E WIKTOR SZYMANOWICZ/NURPHOTO/AFP

Verdade escondida

TheObserver Julian Assange está livre, mas o seu caso é um sombrio lembrete da fragilidade da liberdade de imprensa

POR KENAN MALIK*

Foi um final confuso para uma história caótica. Julian Assange foi libertado no fim de junho do presídio de Belmarsh, no Reino Unido, e embarcou num voo para a Ilha de Saipan, no Pacífico, governada pelos EUA. Lá, sob um acordo especial com as autoridades norte-americanas, ele declarou-se culpado em um tribunal por obter e publicar ilegalmente documentos confidenciais, em troca de uma pena de prisão de cinco anos, que ele já havia cumprido em cadeias britânicas. E assim, pela primeira vez em 12 anos, Assange viu-se um homem livre.

Declarar-se culpado de espionagem era um requisito para que Assange ganhasse a liberdade pessoal, mas levanta questões mais amplas sobre a liberdade de imprensa. Assange foi acusado de espionagem não por oferecer informações confidenciais a um governo estrangeiro, mas por publicar um material que o governo dos EUA não queria que viesse a público. As acusações que Assange enfrentou "baseiam-se quase totalmente na conduta que os jornalistas investigativos adotam todos os dias", observou Jameel Jaffer, especialista em liberdade de expressão da Universidade Columbia, ainda em 2019. É por isso que "a acusação deve ser entendida como um ataque frontal à liberdade de imprensa".

A saga de Assange dura tanto tempo que é fácil esquecer como começou. Em 2006, ele e um grupo de colegas ativistas criaram o WikiLeaks, um editor global de documentos politicamente sensíveis vazados. As primeiras revelações incluíram denúncias de corrupção no Quênia e no mundo árabe e da repressão chinesa à agitação civil no Tibete.

Depois, em abril de 2010, o WikiLeaks divulgou imagens de vídeo, intituladas "Assassinato Colateral", de um helicóptero Apache dos EUA abatendo ao menos 11 civis, incluindo os jornalistas Namir Noor-Eldeen e Saeed Chmagh, da Reuters, numa rua de Bagdá três anos antes. Washington havia negado vários pedidos da agência para ver as imagens.

Filmado a bordo do helicóptero, o vídeo mostra um grupo de homens, incluindo os dois jornalistas, atravessando uma rua. Supondo que se tratava de insurgentes, os militares abrem fogo. Oito são mortos. Chmagh fica ferido. Minutos depois, uma van passa. Ao ver Chmagh ferido, o motorista para com a intenção de levá-lo ao hospital. O helicóptero abre fogo novamente, matando Chmagh e três socorristas. Duas crianças ficam gravemente feridas. "Bem, a culpa é deles por trazerem crianças para uma batalha", diz um integrante da tripulação do helicóptero, com indiferença.

> Ele foi obrigado a admitir culpa por espionagem, mas fez apenas o que se espera de um jornalista

Uma patrulha terrestre americana então chega. "Foi nesse momento que percebi que o que estávamos fazendo era errado", disse mais tarde aos repórteres um dos soldados, Ethan McCord. Juntamente com Josh Stieber, outro soldado da mesma unidade, McCord escreveu uma "carta aberta de reconciliação e responsabilidade ao povo iraquiano", reconhecendo que os atos retratados no vídeo eram "ocorrências cotidianas", faziam parte da "natureza das guerras lideradas pelos EUA nesta região".

O vídeo causou indignação em todo o mundo. Da mesma forma, transformou Assange num homem marcado. "Assassinato Colateral" foi o mais chocante de uma série de documentos confidenciais e relatórios de campo que o WikiLeaks publicou como "Registros da Guerra do Iraque" e "Registros da Guerra do Afeganistão". Estes forneceram provas da tortura de prisioneiros, da pressão exercida sobre Estados estrangeiros para não investigarem casos de tortura pelas forças norte-americanas, de mortes em massa de civis iraquianos que não tinham sido oficialmente registradas e de acordos secretos de armas para abastecer conflitos publicamente negados. No entanto, para muitos, o verdadeiro crime não foi a tortura e os assassinatos, e sim o ato de os revelar. Figuras proeminentes, incluindo o então candidato presidencial republicano Mike Huckabee, chegaram a pedir o assassinato de Assange. Mike Pompeo, como diretor da CIA, teria examinado, em 2017, as possibilidades de fazer exatamente isso.

Grande parte do material do WikiLeaks foi fornecida por Chelsea Manning, uma


Pela primeira vez em 12 anos, um homem livre. Mas amordaçado

WILLIAM WEST/AFP

analista de inteligência dos EUA que em 2013 foi condenada por espionagem e recebeu sentença de 35 anos, posteriormente comutada por Barack Obama. Implacável em sua perseguição aos denunciantes, o governo Obama absteve-se de tomar medidas contra Assange porque, como disse ao *Washington Post* um ex-porta-voz do Departamento de Justiça, Matthew Miller: "Não há como processá-lo por publicar informações sem que a mesma teoria seja aplicada a jornalistas".

O governo seguinte, de Donald Trump, não teve tais escrúpulos. Em 2019, promotores dos EUA acusaram Assange de 17 casos de espionagem, após acusá-lo secretamente, no ano anterior, de conspiração para *hackear*. Assange começou uma luta de cinco anos contra a extradição, que finalmente terminou com o acordo judicial.

A confusão da história também deriva de atos de Assange. Críticos, até mesmo de dentro do WikiLeaks ou de seus parceiros de mídia, o acusam de não levar suficientemente a sério a necessidade de proteger civis expostos nos documentos vazados, incluindo tradutores afegãos que tiveram os nomes revelados. Mas, se a acusação de espionagem jamais deveria ter sido apresentada, há outra acusação pela qual ele deveria ter enfrentado o devido processo legal, mas conseguiu escapar.

Quando Assange buscou refúgio, pela primeira vez, na embaixada do Equador em Londres, em 2012, foi para escapar da extradição não para os EUA, mas para a Suécia, onde respondia a acusações de estupro e agressão sexual, apresentadas por duas mulheres. Assange e seus apoiadores alegaram que era "armadilha", uma campanha de truques sujos organizada por Washington para facilitar a extradição para os EUA.

Qualquer que seja a verdade, as denúncias só poderiam ser testadas em um tribunal. Uma denúncia de violação não merece menos consideração porque o suposto perpetrador desempenhou um papel importante em trazer verdades à luz. A recusa de Assange de enfrentar processos judiciais não condiz com suas afirmações sobre a necessidade de "agir eticamente".

No entanto, apesar de toda a confusão dessa história, seu significado central permanece inalterado: a perseguição a Assange por parte dos EUA foi um ataque à nossa capacidade de expor o que os poderosos não desejam ver exposto e de responsabilizá-los por seus atos. Numa época em que, da Rússia à Faixa de Gaza, da Índia à Etiópia, ser jornalista é uma ocupação perigosa, defender a liberdade de imprensa raramente foi uma tarefa tão vital. •

**Kenan Malik é colunista do* Observer.

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves.

Mapa do artesanato

CULTURA POPULAR Uma plataforma reúne informações e histórias sobre quase 5 mil artesãos descobertos por todo o Maranhão

POR AMANDA QUEIRÓS

Djalma Marques tinha 19 anos quando, escondido da família, montou seu primeiro boi para uma brincadeira organizada pelo pai. O ano era 1957 e, dali em diante, não parou mais. Em Mirinzal, cidade de 14 mil habitantes situada a 200 quilômetros de São Luís, no Maranhão, ele aperfeiçoou-se em técnicas construtivas com madeiras locais, como jeniparana, cedro e buriti, e burilou a arte de bordar paetês, miçangas e canutilhos.

Há quase sete décadas, seus bois, vestes e chapéus povoam a região nas festas do Bumba Meu Boi, declarado pela Unesco, em 2019, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Cada boi leva 60 dias para ficar pronto, e os chapéus de zabumba, conhecidos por suas franjas, chegam a pesar mais de 3 quilos, devido ao capricho na escolha dos materiais.

Antes dispersas e restritas aos brincantes e às comunidades onde atuam, informações como essas foram compiladas, organizadas e estão agora disponíveis na plataforma digital Artesanato do Maranhão (www.artesanatodomaranhao.com.br). Lançada no mês passado, a iniciativa é desdobramento de um projeto que, de 2016 a 2020, percorreu mais de 2 mil povoados do interior maranhense para identificar artesãos e registrar suas artes.

Com apoio do governo do estado e patrocínio direto da Vale, foram catalogados 4.736 profissionais e mais de 23 mil tipos de produtos, elaborados a partir de 3,6 mil materiais diferentes e com base em 217 técnicas de execução. Os números surpreenderam a equipe de pesquisa.

"Achávamos que, no melhor dos mundos, encontraríamos 2 mil artesãos. O resultado nos mostrou que existe um universo gigantesco para ser conhecido", afirma a historiadora Paula Porta, coordenadora do mapeamento e idealizadora da plataforma. "Esta é uma economia verde, em microescala, que precisa ser levada em conta quando se discute fomento."

Um dos objetivos do projeto é oferecer subsídios para dinamizar uma atividade marginalizada, mas com alto potencial de crescimento no País. De acordo com o Diagnóstico do Artesanato Brasileiro, realizado entre 2021 e 2022 pela Universidade Federal de Minas Gerais, o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) e o então Ministério da Economia, a informalidade prevalece entre os artesãos.

> Cada vez mais, o artesanato é visto como um possível vetor para o desenvolvimento da economia criativa em diferentes regiões do País

Entre 2012 e 2021, a renda média real deles diminuiu. Uma explicação possível está na adesão ao modelo de microempreendedor individual (MEI), que induz a uma redução no associativismo e prejudica o poder de barganha na aquisição de materiais. Além disso, as bases de informação sobre esse campo são desencontradas: IBGE, Pnad e RAIS adotam nomenclaturas diferentes para caracterizar o ofício.

"Hoje, não é possível apurar os resultados nem dimensionar corretamente o tamanho do setor", afirma Dorotea Naddeo, co-coordenadora do Diagnóstico. "Em cada estado, ele está vinculado a uma pasta diferente. Tem artesanato na Cultura, no Turismo, na Justiça, até na Ação Social. Isso gera abordagens muito diferentes."

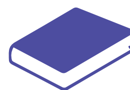
Em 2023, as atividades do PAB foram realocadas no Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, que prevê, para o segundo semestre, a formação de grupos de trabalho focados em governança, marco legal, acesso a mercados e qualificação. A expectativa é, a partir daí, elaborar um planejamento estratégico do artesanato brasileiro.

O Ministério da Cultura (MinC) também tem, do seu lado, procurado dar

TAMBÉM NESTA SEÇÃO



pág. 50



The Observer. A "Poliana" Ann Patchett alcança reconhecimento no meio literário







ACERVO MAPEARTE

maior visibilidade à atividade. A ministra Margareth Menezes, quando fala em economia criativa, cita, várias vezes, o artesanato como um possível vetor para o desenvolvimento da economia criativa em diferentes regiões do País.

Em meio a esses movimentos ainda incipientes, a plataforma Artesanato do Maranhão cumpre a missão de valorizar e dar visibilidade a saberes tradicionais. Por meio dela, é possível conhecer as etapas de produções típicas do estado, como as miniaturas de barcos, as cerâmicas e o Bumba Boi, e aprender sobre as características dos artesãos ou dos povoados. Só entre as redes de dormir, por exemplo, há sete modos de feitio, do tear de mesa ao tear vertical, de origem indígena, passando pela produção de matérias-primas do zero, como o linho de carnaúba.

A plataforma apresenta textos explicativos e apoia-se em farto acervo audiovisual: são mais de 43 mil imagens, 200 vídeos com depoimentos e gráficos que permitem uma imersão completa. Soma-se a isso um glossário com as expressões utilizadas.

Cada artesão tem uma página para si, onde estão indicados seu contato, os produtos elaborados, os materiais utilizados e o tempo de execução das peças, algo fundamental para as encomendas. "Você pode achar que ajudar o artesão é fazer um pedido grande, mas, às vezes, isso atrapalha tudo. Não existe um só jeito de fazer, e há espaço para todos os perfis", ressalta Paula.

Novos artesãos podem cadastrar-se gratuitamente na plataforma, que tem continuidade garantida por cinco anos e foi criada também com o objetivo de atuar como fonte de novos fornecedores para lojas e *sites* de venda.

Diversidade. A pesquisa realizada em mais de 2 mil povoados identificou 23 mil tipos de produtos, elaborados a partir de 3,6 mil materiais diferentes

Agora, Paula deseja viabilizar um centro de distribuição de produtos comprados diretamente do artesão, ao qual caberia otimizar a logística de comercialização. Dessa forma, seria possível combater a venda consignada e os custos de frete. Ela também sugere que as prefeituras utilizem os recursos da Lei Paulo Gustavo para realizar editais voltados ao setor. •

A crença numa certa alegria

TheObserver Chamada por alguns de "Poliana", Ann Patchett só vê crescer sua reputação como uma das mais talentosas escritoras norte-americanas da atualidade

POR LISA ALLARDICE

São 8 da manhã em Nashville, no Tennessee, e a escritora Ann Patchett está toda entusiasmada. "Lavei o rosto", brinca. O cachorro dela, Sparky, estrela dos vídeos semanais postados no canal do YouTube de sua livraria independente, a Parnassus Books, está acomodado no sofá, atrás dela. "Sou uma livreira. É isso que eu faço", diz, quando puxo a conversa para seu novo romance, *Tom Lake*. "Sou obcecada pelos livros de outras pessoas."

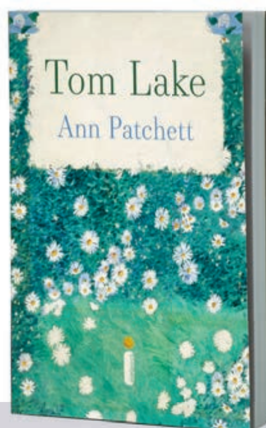
Dizer que Ann é fervorosa em relação a livros não é um mero clichê. Em um de seus ensaios, ela compara seu zelo ao de um devoto Hare Krishna que conheceu há muitos anos e que passava todos os dias proclamando seu amor a Deus para desconhecidos no aeroporto de Chicago. "Eu ficaria num aeroporto para dizer às pessoas o quanto adoro livros – lê-los e escrevê-los –, garantindo que outras pessoas se sentissem confortáveis para também lê-los e escrevê-los."

Nerd de livros que foi "criada por freiras", e acredita que a maioria das pessoas é essencialmente decente, Ann não é bacana nem avançada. Mas frequenta a realeza de Hollywood e é amiga de praticamente todos os escritores americanos vivos. Ela até conhece "um pouco" Joe Biden. "Amo profundamente o presidente. Ele passou a vida como servidor público e trabalha incansavelmente pelo bem do povo", diz. "E a esposa dele é uma leitora fantástica."

À porta dos 60 anos, Ann Patchett tem a idade de Bret Easton Ellis e Donna Tartt, mas ninguém a classifica como membro do grupo de vanguardistas literárias. Seus livros estão mais próximos do território de Anne Tyler, e sua reputação como uma das mais talentosas escritoras norte-americanas de ficção e não ficção cresce constantemente. Barack Obama colocou sua coletânea de ensaios *These Precious Days* (*Estes Dias Preciosos*) na lista de seus livros preferidos em 2021.

Filha de um policial e de uma enfermeira "muito bonita", Ann mudou-se de Los Angeles para Nashville com a mãe e a irmã aos 6 anos, após o divórcio dos pais. Aos 20, participou da famosa Oficina de Escritores de Iowa, enquanto trabalhava como garçonete.

Publicou o primeiro romance, *The Patron Saint of Liars* (*O Santo Padroeiro dos Mentirosos*), em 1992, aos 27 anos, mas sua carreira só decolou com o quarto livro, *Bel Canto,* drama operístico vencedor do Women's Prize de ficção em 2002. Seu romance *A Casa Holandesa* (2019), saga familiar na linha de Henry James com conotações de contos de fadas, recebeu ótimas críticas, esteve nas listas dos mais vendidos e virou audiolivro pela voz de Tom Hanks.



TOM LAKE

Ann Patchett.
Tradução: Camila von Holdefer. Intrínseca (368 págs., 69,90 reais)

Seu foco no amor e no casamento, e em algum tipo de redenção, não se encaixa no clima *millenial* de ficção angustiante. "Sou uma mulher do tipo 'copo meio cheio', que topa tudo, e as pessoas se incomodam por eu ser esperançosa, alegre ou interessada na família – não importa", diz alegremente. "Não estou escrevendo todos os romances. Não sou a romancista desta época. Você quer terror, terá terror. Quer distopia, pode ter distopia. Quer tédio e depressão, terá isso à vontade."

Sua resposta aos que reclamam que sua ficção é do estilo "Poliana" é: "Quantos *serial killers* você conhece?" Ela gosta de escrever sobre as pessoas que a cercam. "Se você escreve sobre mafiosos, assassinos e psicopatas, e as pessoas dizem: 'Ah, você está con-

EMILY DORIO



Família. *Tom Lake*, o mais recente romance da autora, acaba de ser lançado no Brasil

tando a história real', penso: 'Não, porque você não conhece essas pessoas'."

Ambientado em um pomar de cerejeiras no norte de Michigan durante a pandemia, *Tom Lake*, seu mais recente livro, ecoa a situação de reféns de *Bel Canto*, quando três filhas adultas voltam a morar com os pais na fazenda da família. A mãe delas, Lara, passa o tempo contando a história de seu sonho juvenil de ser atriz de Hollywood e seu primeiro caso de amor malfadado com um carismático ator *bad boy*.

A autora queria que o romance mostrasse como "o amor no casamento é mais valioso que o amor insano e quente dos 20 anos". Embora haja acenos claros a Chekhov e *Rei Lear,* a maior dívida do romance é para com a clássica representação da vida cotidiana de Thornton Wilder, *A Nossa Cidade*.

Anna é obcecada por *A Nossa Cidade* – a grande peça americana, segundo Edward Albee – desde que a leu no colégio. "É sobre como a vida é linda e comum. É o tipo de coisa em que acredito", diz ela. "A vida é incrivelmente bela e muito simples, e tudo parece lento e, de repente, muito, muito rápido. A peça resume isso."

Em *Tom Lake,* ela recria a sensação de que "num mundo e num planeta que está virando um inferno ainda há beleza e alegria". Com as cerejeiras em flor, Lara sente-se culpada por sua felicidade porque todos os seus queridos voltaram para casa: "Não posso fazer nada pelo mundo e pelas chamas além de deixar máscaras grátis na barraca de frutas, mas o fato de estarmos presos é uma grande alegria".

As chamas não são apenas as da pandemia. A filha mais velha de Lara, que planeja viver na fazenda, decide que não vai ter filhos por causa da emergência climática. Embora a maternidade seja uma das alegrias do romance, a falta de filhos não influiu na trama. "É isso que faço:



Missão. A Parnassus Books é sua livraria independente em Nashville, no Tennessee

invento essas coisas", diz, seriamente. "Penso muito sobre isso. Não sou atriz. Não sou agricultora. Não sou mãe."

Ela escreve com franqueza sobre a certeza de não desejar filhos no ensaio *There Are No Children Here* (*Não Há Crianças Aqui*). "Você faria as mesmas perguntas a Jonathan Franzen? Ele não tem filhos", retrucou certa vez a um entrevistador de rádio que insistia no assunto.

Embora o confinamento "fizesse todo o sentido" como cenário, *Tom Lake* não é um romance sobre o *lockdown* como *Oh William!*, de sua amiga Elizabeth Strout. "Todo mundo tem um livro da pandemia", diz, e o dela foi a coletânea de ensaios *These Precious Days*.

Ela diz que o ensaio-título, que viralizou após a publicação na revista *Harper's*, "é a coisa mais importante" que já escreveu. O texto conta como a assistente de Tom Hanks, Sooki Raphael, que ela conheceu num evento do livro de Hanks, foi se tratar de um câncer no hospital onde o marido de Ann trabalha, e acabou morando com eles durante o confinamento. Em uma atraente mistura de *e-mails* e memórias, ele registra como duas "desconhecidas afetuosas" ficaram amigas.

Ann é a primeira a admitir o hábito da autovalorização, mas, tanto nos textos quanto pessoalmente, ela se salva de parecer complacente ou sentimental, graças a uma mistura de humor frio e autocrítica capaz de desarmar o interlocutor. Sua maior contribuição para a literatura, diz, é como embaixadora na Parnassus.

Ela escreve quando pode, e sempre sem contrato: "Nunca devo trabalho às pessoas". Os escritores que ela conhece e que mais protegem seu tempo são os menos produtivos. "Eu faço o trabalho. Não procrastino. Criatividade, inspiração, todas essas palavras significavam muito quando eu tinha 20 anos", diz. "Agora eu trabalho. Escrever é mais sobre ter uma ideia que pareça valer o meu tempo e valer o seu tempo."

> "Sou uma livreira. É isso que eu faço. Sou obcecada pelos livros de outras pessoas"

Poucas coisas a irritam mais do que escritores que reclamam que escrever é a tarefa mais difícil do mundo. "Sempre tenho vontade de dizer: 'Arrume um emprego!'" Ann lembra-se de uma entrevista na qual Madonna disse que nunca faz nada que a machuque. "Isso é muito verdadeiro para mim. Não me faço sentir culpada", afirma. "Vou dormir praticamente sempre na mesma hora. Faço exercícios todas as noites. Arranjo tempo para meus amigos. Não bebo. Não fumo."

Ela já se preocupou com a máxima de que a felicidade escreve em branco? *Tom Lake* não é um romance totalmente feliz, rebate. "É sobre a mudança climática. Sobre um relacionamento jovem realmente perturbador. Há muito equilíbrio nele", pontua. "Mas, novamente, sou apenas uma voz entre tantas vozes lindas, díspares, importantes e vitais." •

Tradução: Luiz Roberto M. Gonçalves.

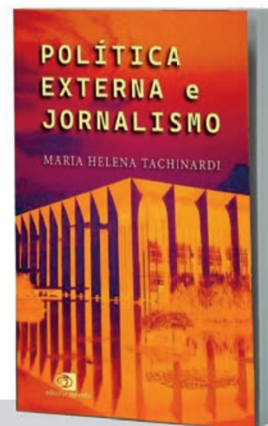
O Brasil no mundo

RESENHA MARIA HELENA TACHINARDI ESMIÚÇA, COM AUTORIDADE E COMPETÊNCIA, MEIO SÉCULO DE POLÍTICA EXTERNA

POR PAULO PAIVA



ISTOCKPHOTO



POLÍTICA EXTERNA E JORNALISMO

Maria Helena Tachinardi.
Editora Contexto
(512 páginas, R$ 89,90)

A política externa brasileira, nos últimos 50 anos, passou por transformações profundas. Nessas cinco décadas, o País teve governos militares, viu o fim da ditadura, a crise e a superação da dívida externa, inflação desenfreada e estabilização e, ajustando-se à nova realidade mundial, registrou reorientação significativa da política exterior, sobretudo no período mais recente, com o surgimento do conceito de aliança de potências regionais defendida pelo presidente Lula nos seus dois primeiros mandatos.

Esse cenário inspirou a jornalista Maria Helena Tachinardi, com experiência de décadas de cobertura na área, a escrever *Política Externa e Jornalismo*, monumental obra de 511 páginas na qual relata sua experiência como repórter, editora e correspondente em Washington durante os 23 anos em que trabalhou para a *Gazeta Mercantil*. O balanço da atuação da diplomacia brasileira e do setor empresarial no período, em especial entre o fim da Guerra Fria, o início da globalização e o pós-11 de Setembro, é fundamental para entender o Brasil atual. Trata-se de um retrato preciso do período, do relançamento da política para a África em 1974, na era Geisel, aos desafios enfrentados pelos governos Figueiredo, Sarney, Collor, Itamar, FHC e Lula.

Foi dura a batalha para o Brasil chegar hoje a um comércio exterior da ordem de 600 bilhões de dólares. Houve inúmeros conflitos comerciais com os EUA, por causa da reserva de mercado em informática e da alegada falta de proteção às patentes farmacêuticas no Brasil. No governo Lula I, houve o enfrentamento à criação da Área de Livre Comércio das Américas, projeto bancado pelos EUA e sepultado naquele período. Pouca gente se lembra, mas Washington vetou a exportação de um supercomputador para a Petrobras, no fim dos anos 1980, para evitar que tecnologias sensíveis, com fins civis e militares, pudessem cair em mãos de países considerados inimigos. Entre os avanços significativos, a autora cita a criação do Mercosul, em 1991.

O livro está organizado por décadas e governos e condensa milhares de reportagens da autora: a reafirmação de valores ou princípios da política externa, o impacto da Guerra Fria no País, em especial nos anos 1980, quando as políticas neoliberais do presidente Ronald Reagan se chocaram com a posição nacionalista do Brasil, a globalização nos anos de 1990 e, por fim, um capítulo dedicado ao jornalismo e à comunicação, à luz do debate sobre a nova ordem informativa mundial, bandeira defendida pela Unesco, com apoio de setores progressistas nos anos de 1970. Marcante o relato sobre o longo processo de aproximação com a China, que hoje compra mais de 100 bilhões de dólares do Brasil, é o principal parceiro comercial e o maior investidor asiático na economia brasileira. Mas, como lembra a jornalista, no começo foi tudo muito difícil. Por sinal, em 2024, comemoram-se os 50 anos da relação Brasil-China. •



Escrever para não se afogar

LITERATURA César Aira, tido como um dos mais importantes autores vivos na Argentina, tem quatro títulos lançados simultaneamente no mercado brasileiro

POR SYLVIA COLOMBO, DE BUENOS AIRES

Prolífico. O escritor, dono de um tom direto e irônico, escreveu mais de cem livros em seus 75 anos de vida

ALEJANDRA LÓPEZ

"Fiz todos os meus trabalhos com o único propósito de compensar minha incapacidade de viver, e eles apenas foram capazes de impedir que eu me afogasse", refletia César Aira, com seu típico tom direto e de rica ironia, ao completar 50 anos, na novela *Cumpleaños*.

A verdade é que César Aira, hoje com 75 anos, fez disso um verdadeiro *modus vivendi*, publicando, ao longo da vida, mais de cem livros – às vezes, de três a quatro por ano.

Em uma edição mais do que caprichada, a Fósforo lançou recentemente o volume 1 da *Coleção César Aira* (552 págs. no total, 129,90 reais), que reúne quatro títulos. A coleção contará, ao todo, com 16 livros do escritor argentino a serem publicados ao longo de quatro anos, em tradução de Joca Wolff e Paloma Vidal.

O mais antigo deles, *A Prova* (1992), é uma novela frontal, que tem um início brusco e direto: "Quer foder?", perguntam à jovem Marcia duas meninas *punk* chamadas Mao e Lenin. De pronto, ela nega, mas é vencida pela curiosidade. O local escolhido é um supermercado, no qual a dupla garante a própria tranquilidade amedrontando e queimando clientes e, dessa forma, bloqueando o espaço.

A referência histórica aqui é clara. A Argentina viveu, no fim dos anos 1980, uma hiperinflação destruidora, que trouxe a reboque uma agitação social que levou a saques de supermercados e de outros comércios. Foi então que se deu a interrupção adiantada do governo de Raúl Alfonsín e a chegada ao poder do controvertido Carlos Saúl Menem.

É esse clima de violência e revolta vivido pelo país que Aira evoca no romance. O contraponto é que a atitude vandalizada das meninas *punk* tem, no fundo, uma razão romântica: elas agem assim para fazer amor.

Outras chagas da época se fazem presentes no livro, como o empobrecimento acelerado da população; uma certa ideia de uma juventude nas ruas de que poderia não haver um amanhã – daí o fortalecimento de tribos confrontadoras, como a dos *punks* –; e a forte ideologia do consumismo gerada pelas políticas neoliberais inculcadas pelo peronista Menem em seu princípio de gestão.

Outra marca da literatura de Aira que se deixa ver na pequena novela é a presença constante da classe média e de seus valores – sendo ele mesmo um representante dela.

Não por acaso, os cenários de seus livros são, em grande parte, sua cidade natal, Coronel Pringles, na província de Buenos Aires, e o bairro portenho de Flores, onde vive atualmente – ambos habitados por essa franja da população.

Outro título a destacar nesta primeira leva do pacote é *O Vestido Rosa* (1984), uma bem-humorada história de um vestido que deveria ser entregue a uma menininha recém-nascida, na conturbada Argentina do século XIX.

Nessa época, o governo local empreendeu um verdadeiro massacre da população indígena que habitava o sul do país antes do descobrimento. A chamada Campanha do Deserto era, à altura, apresentada como uma luta entre a civilização e a barbárie. E o exército era visto de modo heroico, como o vetor que livraria a Argentina desses povos tidos como selvagens.

O debate sobre a formação do país girava então em torno de como habitar e povoar o "deserto argentino", que de deserto tinha muito pouco. Afinal de contas, nele habitavam diversas tribos indígenas.









Coleção César Aira. Ao longo dos próximos quatro anos, a Editora Fósforo lançará, ao todo, 16 livros do escritor

O fato é que, no livro, o vestido da criança se perde, é roubado, passa pelas mãos de soldados, generais, *gauchos* e criadores de gado. Na narrativa, personagens e passagens reais são misturados à trama fictícia.

No fundo da obra reside a crítica à invisibilidade à qual foi relegada a povoação indígena, algo que até hoje é uma questão numa sociedade que, em geral, se crê apenas branca e europeia, mas que, na realidade, é muito mais diversa.

Já em *O Congresso de Literatura* (1997), Aira faz um divertido exercício, encarnando um escritor e tradutor que, num congresso de literatura em Mérida, tenta roubar uma célula do mexicano Carlos Fuentes (1928-2012) com o objetivo de cloná-lo. A ideia surrealista seria a de criar um exército de intelectuais como o autor de *A Morte de Artemio Cruz* e *Aura*.

Por fim, a completar essa primeira fornada, está *Atos de Caridade* (2013), na qual três diferentes padres a cargo de uma paróquia levam adiante o projeto de construir uma enorme casa de caridade.

Acontece, porém, que o projeto se prolonga, a construção vai se tornando mais complicada, cheia de detalhes, enquanto a atenção deles para a pobreza – hoje um problema crônico no país, atingindo 55% da população – vai ficando em segundo plano.

São quatro livros que trazem distintas amostras de um prolífico escritor, hoje tido como um dos mais importantes ainda vivos na Argentina.

O conjunto é revelador de um autor que pode, em certa medida, parecer errático em suas escolhas, mas que, no fundo, é claramente movido por preocupações legítimas e escreve de modo espontâneo. •

AFONSINHO
Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos



BAPTISTÃO

Sandálias da humildade

▶ A Seleção e o futebol brasileiro precisam de menos soberba e mais trabalho duro

O momento da Seleção provoca um descrédito no nosso futebol, compatível com a soberba dos torcedores menos comprometidos e comentaristas esportivos com uma análise superficial, apenas do verniz desgastado do nosso escrete.

Claro, um empate com sabor de goleada a favor no jogo contra a Colômbia (com direito a olé!) não deve ser motivo de pouca preocupação, deprime ainda mais o torcedor consciente da história do nosso futebol.

Vem à memória um comentário de João Saldanha a esse respeito no *Jornal do Brasil* sobre um jogo da seleção num período de baixo rendimento durante uma excursão preparatória. Dizia João sobre os "coleguinhas fanfarrões", ou algo assim, que se divertiam na mesa de um bar qualquer da Europa depois de uma má atuação do time, se vangloriando com *moi, trois fois Champion du monde*, ainda éramos Tri ...!

Menos mal que podemos contar com alguns analistas responsáveis e jogadores amadurecidos, como o capitão Danilo e o zagueiro Marquinhos, outra liderança que, sobre a má atuação, assim se manifestou: "Temos que ser honestos com nós mesmos". Demonstrou firmeza em relação ao processo de formação de uma nova seleção.

A lucidez e a tranquilidade do Dorival Jr., mesmo tendo se exaltado no correr da partida quando a coisa estava feia, principalmente no lance do pênalti não marcado sobre o Vini Jr., nos passa boa dose de confiança. Está em teste a direção da CBF quando fez a escolha de Dorival, para mim acertada. O experimentado treinador disse, desde a primeira convocação e repetiu com todas as letras na entrevista no pós-jogo, que seu trabalho é planejado com vistas à Copa do Mundo, que depende de evolução por etapas e que o time vai oscilar pelo caminho, de modo natural, não se cansa de repetir.

O futebol brasileiro, como tem sido dito com frequência, não goza da unanimidade de ser o melhor do mundo neste momento. Hora de calçar as "sandálias da humildade", como dizia Nelson Rodrigues.

Agora vem o principal: resta saber se a CBF vai sustentar sua opção nos casos previstos de irregularidade na construção planejada por Dorival Jr. Passou o tempo em que o futebol brasileiro entrava em todas as disputas como favorito absoluto e mesmo assim não ganhava tudo. Tempo de reconstrução.

Em termos individuais, vamos ser testados com a ausência do Vinicius Jr. no próximo jogo contra o Uruguai. Apesar de motivado pela disputa da "Bola de Ouro", o craque também não pode render o que sabe, prejudicado pela falta de conjunto da nova seleção em seus primeiros passos.

Parece até que não vencemos outros jogos e até Copas do Mundo sem o Rei Pelé. Mesmo reconhecendo situações diferentes, vamos como estamos agora.

Não se pode esquecer do valor da bela seleção colombiana, com um time azeitado, muito bem treinado, maduro, excelente no entrosamento de suas linhas, sem perder há 26 jogos, desde 2022, e fisicamente em estágio superior ao nosso.

Emoção na Eurocopa

Na outra banda do mundo, a Eurocopa tem mostrado jogos sensacionais já em sua fase de mata-mata, como o que fez chorar Cristiano Ronaldo, quando perdeu um pênalti e depois foi salvo pela classificação de Portugal contra a Eslovênia graças ao goleiro, que defendeu as cobranças dos adversários. Emoção à "flor da pele" em sua derradeira Eurocopa, quando vai se despedindo aos poucos da carreira brilhante.

Saudoso Dudu

Eu gostava do Dudu, eu gostava muito do Dudu, eu sabia que gostava muito do Dudu, mas não sabia que iria sentir tanto quando chegou a triste notícia da sua morte.

Exemplo de correção para todos, definido em todas as suas atitudes, o tipo de jogador que determina a regularidade de um time como um maestro com seu metrônomo, permitindo aos "virtuoses" dar o brilho de sua genialidade como em sua parceria inesquecível com o "Divino" da Guia.

Meu vizinho de Araraquara fez questão de participar do jogo de fim de ano de veteranos em Jaú, quando a Academia palmeirense exibiu seu bailado para os torcedores da Capital da Terra Roxa, em sua maioria de origem italiana.

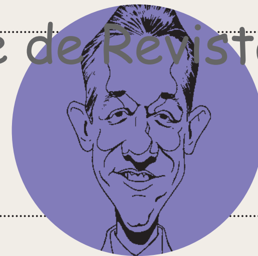
Confraternização que merece ser contada na íntegra e fica para a próxima.

Adeus, Dudu. •

redacao@cartacapital.com.br

ARTHUR CHIORO

Médico sanitarista e professor da Escola Paulista de Medicina (Unifesp). Foi ministro da Saúde. É presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (MEC)



A ousadia da Hemobrás*

▶ Criada do zero na Zona da Mata pernambucana, a empresa tornou-se importante para o País, tanto em termos tecnológicos quanto financeiros

Este espaço tem sido reiteradamente utilizado para destacar conquistas do Sistema Único de Saúde, como o caso do SAMU, do Programa Nacional de Imunizações, da Farmácia Popular ou do Brasil Sorridente, que, após 20 anos de funcionamento, fazem parte do dia a dia de milhões de brasileiros.

Na mesma época em que essas políticas foram implantadas, ainda durante o primeiro governo Lula, outra importante ação começava a sair do papel: a criação da Hemobrás, a Empresa Brasileira de Hemoderivados e Biotecnologia. Uma iniciativa extremamente ousada, liderada pelo senador Humberto Costa, ministro da Saúde da época, de cuja equipe tivemos a honra de participar.

A surpresa foi geral quando o presidente Lula anunciou que a nova indústria de medicamentos seria implantada na cidade de Goiana, em plena Zona da Mata Norte de Pernambuco. Em um cenário dominado pelas plantações de cana-de-açúcar, cercado pela pobreza que sempre marcou essa atividade de monocultura, foi erguido um parque fabril com indústrias extremamente modernas e equipamentos de última geração.

O que não se sabe ainda hoje, mesmo entre líderes empresariais, gestores públicos e profissionais de saúde, é que a Hemobrás nasceu do zero, em um país que praticamente não produzia hemoderivados. Para fabricar esses medicamentos, a partir do fracionamento do plasma humano, foi necessário um processo de transferência de tecnologia que durou mais de dez anos. Os profissionais foram preparados no exterior, em países como França, Suíça e Alemanha, municiando o Nordeste de inovação, ciência, pesquisa e tecnologia.

Isso explica, em parte, o fato de muitos desconhecerem o que é e qual a importância da Hemobrás, que se transformou em uma empresa extremamente importante para o Brasil. Uma indústria de medicamentos 100% estatal, com quase 800 funcionários, lucrativa, que apenas nos dois últimos anos repassou 124 milhões de reais ao Tesouro Nacional referentes aos dividendos operacionais e que faz parte do seleto rol de Empresas Estratégicas de Defesa.

Os processos de transferência de tecnologia das duas fábricas que formam o parque fabril da Hemobrás, de hemoderivados e de recombinantes (os medicamentos produzidos por biotecnologia e que não têm o plasma humano como matéria-prima), ainda estão em curso, mas em etapa final. Todavia, há vários anos a estatal fornece imunoglobulina, albumina e os fatores coagulantes VIII e IX para o SUS, levando mais qualidade de vida para milhões de brasileiros acometidos de doenças raras como a hemofilia e a Síndrome de Guillain-Barré, ou no tratamento de grandes queimados, doenças renais ou no tratamento de pacientes de UTI.

A existência da Hemobrás jogou para baixo os preços dos medicamentos hemoderivados. Só como exemplo, com a estatal fazendo parte do jogo que, até então, era dominado pelas multinacionais, o preço da Unidade Internacional (UI) utilizada como medida dos medicamentos recombinantes caiu de 1 dólar para 1 real, economia considerável para o SUS.

A previsão é de que, até o início de 2027, a Hemobrás domine todas as etapas de produção dos hemoderivados e recombinantes. E quando as duas fábricas estiverem operando com capacidade máxima, cada uma delas significará uma economia de 1 bilhão de reais por ano ao Ministério da Saúde, fazendo diferença para a balança comercial.

Diante desse contexto, dá para a gente dizer que o sonho pensado lá atrás, no começo do século, tornou-se uma feliz realidade. Mas ainda há muito por vir, com 600 novos empregos nos próximos anos e uma produção capaz de atender a praticamente toda a demanda do SUS, com a possibilidade, inclusive, da ampliação do cardápio de medicamentos produzidos em Goiana.

Vinte anos depois do anúncio da Hemobrás, a primeira grande empresa que se instalaria na Mata Norte de Pernambuco, o município de Goiana conta com indústrias de automóveis e de vidros, entre outras, e passou a ter o quarto maior PIB do estado. A cidade, outrora decadente, teve seu comércio e os serviços fortalecidos.

A Hemobrás é um sonho que se tornou realidade e é muito mais do que uma indústria de medicamentos. É uma prova cabal de que uma boa ideia, quando colocada em prática com a missão de servir aos interesses daqueles que mais precisam, pode significar uma poderosa ferramenta de cidadania, de inclusão e de transformação social. •

redacao@cartacapital.com.br

Com a colaboração de Ana Paula Menezes, diretora-presidente da Hemobrás.

BAPTISTÃO


REGIME DE AUSTERIDADE
teto
V E N E S
depois de Goya

Diálogos Capitais

UM PROJETO DE BRASIL

Ideias para o futuro do País

CartaCapital completa 30 anos e promove um ciclo de debates fundamentais para o futuro do Brasil.

Depois de uma conversa sobre reindustrialização sustentável e exportações, a segunda rodada reúne líderes de destaque dos setores público e privado novamente, em **14 de agosto.** Na pauta, dois temas fundamentais: **a integração nacional e sul-americana e os caminhos para uma transição energética justa e inclusiva.**

Mesa 1

A América do Sul e o Pacífico: as novas rotas comerciais

Convidados:



Simone Tebet, ministra do Planejamento



Luciana Servo, presidente do Ipea



Morgan Doyle, representante do Banco Interamericano de Desenvolvimento no Brasil



Luiz Augusto de Castro Neves, presidente do Conselho Empresarial Brasil-China

Mesa 2

Transição Energética Justa e Inclusiva

Convidados:



Ramon Haddad, vice-presidente da State Grid Brazil Holding



Alexandre Silveira, ministro de Minas e Energia



Magda Chambriard, presidente da Petrobras



Luiz de Mendonça, CEO da Acelen Renováveis



O evento terá transmissão ao vivo e gratuita no *site* de *CartaCapital* e no YouTube. Para mais informações, acesse: **cartacapital.com.br/umprojetodebrasil**

CartaCapital 30 ANOS

Patrocínio

apexBrasil

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

BR PETROBRAS



GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ABRAGAMES

CONSELHO NACIONAL SESI Serviço Social da Indústria PELO FUTURO DO TRABALHO



SOS RS

O **Rio Grande do Sul** passa pela maior catástrofe climática de sua história.



Doe via **PIX** pelo
CNPJ 34.267.237/0001-55
(Federação Nacional das Associações do Pessoal CEF)

Ajude as milhares de pessoas desalojadas e desabrigadas!



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

